

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós- Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri
Co-Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Florianópolis, 2011

PONTA DO CORAL:
Desenvolvimento Urbano e Movimento Ecológico

RITA DE CASSIA LOPES HAAS

N.Cham. CETD UFSC PEED 0857

Autor: Haas, Rita de Cassia Lopes

Título: Ponta do Coral : desenvolviment



974267221

Ac. 290521

EX.1 UFSC BC



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-graduação em
Educação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO

807
PRED
0720
CECD

RITA DE CASSIA LOPES HAAS

**PONTA DO CORAL:
Desenvolvimento Urbano e Movimento Ecológico**

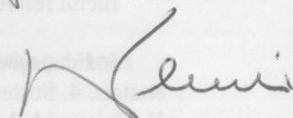
Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:
Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri

Co-Orientador:
Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Linha de pesquisa: Educação e Movimentos Sociais

DE ACORDO.
Florianópolis, 26.04.2011



Florianópolis
2011



CEED
UFSC
PEED
857

Reg. 97926722-1

SC001324366
290521

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

H112p Haas, Rita de Cassia Lopes
Ponta do Coral [dissertação] : desenvolvimento urbano
e movimento ecológico / Rita de Cassia Lopes Haas ;
orientador, Reinaldo Matias Fleuri. - Florianópolis, SC, 2011.
114 p.: il., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Planejamento urbano. 3. Movimentos
sociais. 4. Sustentabilidade. I. Fleuri, Reinaldo Matias.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**"PONTA DO CORAL: DESENVOLVIMENTO URBANO E MOVIMENTO
ECOLÓGICO"**

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso
de Mestrado em Educação do Centro de
Ciências da Educação em cumprimento parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Educação

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 17/03/2011

- Dr. Reinaldo Matias Fleuri (CED/UFSC-Orientador) *R. Fleuri*
Dr. Leandro Belinaso Guimarães (CED/UFSC-Co-orientador) *L. Belinaso*
Dr. Valdo Hermes de Lima Barcelos (UFSCM-Examinador) *V. Barcelos*
Dra. Cristiana de Azevedo Tramonte (CED/UFSC-Examinadora) *C. Tramonte*
Dra. Maristela Fantin (CED/UFSC-Suplente)

Profa. Célia Regina Vendramini
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação/CED/UFSC
Portaria nº 988/GR/2010

RITA DE CASSIA LOPES HASS

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/MARÇO/2011

CECD
OFFSE
REED
807

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS EDUCACIONAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Nome do Candidato: _____
Número de Matrícula: _____
Título da Dissertação: _____
Orientador: _____

Defesa realizada em _____
Local: _____

Assinaturas dos membros da Banca Examinadora:

Assinatura do Candidato: _____

AGRADECIMENTOS

Quando fizemos nossas escolhas e enfrentamos uma dissertação, com certeza estamos cientes que não será uma tarefa fácil. É nestes momentos que determinadas pessoas fazem a diferença em nossas vidas. E é para isso que usamos esta página, para deixar registrada a nossa gratidão, pois para atingir um objetivo é imprescindível muita colaboração. Portanto, gostaria de estender meus agradecimentos:

Ao meu orientador Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri, obrigada por ter depositado confiança em mim durante esses dois anos. Ao me deixar caminhar sozinha o senhor me ensinou que o medo, a insegurança e o pânico nos fortalecem e valorizam a nossa aprendizagem diante do que para mim, parecia impossível.

Ao Prof. Dr. Valdo Barcelos, Prof^ª. Dr^ª. Cristiana Tramonte e Prof^ª. Dr^ª. Maristela Fantin, membros da Banca Examinadora, meus sinceros agradecimentos.

Aos entrevistados Almir, Marisa, Robinson, Cleverson e Eduardo, obrigada pela disponibilidade e ensinamentos; lutar pelas injustiças é registrar sua passagem pela terra.

À amiga e Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina, Doutoranda Maria Conceição Coppete pela força, pelo carinho, pelas horas de correção e leitura da minha pesquisa. Sinto-me extremamente grata a você Cuca, com certeza sem a sua dedicação não teria conseguido finalizar esta pesquisa. Obrigada pelos inúmeros momentos de orientação. Que Deus permita... um dia eu poder retribuir.

Ao meu grande amigo Prof^º Mestre em Geografia Magnun Voges, que ajudou com leituras e correções e, em meio ao meu desespero na finalização da pesquisa, ele sempre dizia "calma, calma, vai dar tudo certo". Muito obrigada.

À Professora de Português-Inglês e grande amiga Vanderléia de Cassia Souza Borges, obrigada pela dedicação nas correções e sugestões, obrigada pelo companheirismo e sincera amizade. Nossa verdadeira família são os amigos.

Aos meus GRANDES amigos e companheiros para sempre, meus filhos, Gelline Maria Haas "minha médica preferida" e Rógini Haas "meu administrador e empresário preferido", pelo amor e paciência que sempre demonstraram em todos os momentos difíceis da minha vida, muitíssimo obrigado.

ABSTRACT

This study focuses in the deconstruction of the local architectonic references inside a dynamic process of urbane interventions and environment discussions along the Island of Santa Catarina, which comes with a progress impression. Thus, Ponta do Coral was choose as the central point by its conflicts. So, the goal is to make people think about the real meaning of the local landscapes and discuss the relation of it with several leading people. I stand here to defend that the urban development needs to incorporate cultural and environmental sustainability instead of only pursuit the profit. Similar thought to the one practiced by the social movements at their fight to the preservation of Ponta do Coral. Such conflicts resulted in a protest of university students in 1980. The protesters supported the idea of transforming the terrain of Ponta do Coral into a recreational area to the local community instead of a five stars hotel.

Key words: development, social movements, environmental sustainability

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa da localização Ponta do Coral de 1876. Mapoteca IPUF.....	25
Figura 2: Fotografia aérea da cidade de Florianópolis/1940. Acervo Ademir Goeldner.....	26
Figura 3: Fotografia da Praia de Fora/1937 – Local da Ponta do Coral. Acervo: Instituto dos Irmãos Maristas.....	28
Figura 4: Mapa físico-político da cidade de Florianópolis – PMF-IPUF, 4ª Ed. 1998. Acervo Mauro Passos.....	29
Figura 5: Propaganda Standard Motor Oil - Jornal O Estado 18/01/1929, p.12.....	32
Figura 6: Propaganda Standard Motor Oil - Jornal O Estado 25/04/1929, p.8.....	32
Figura 7 – Fotografia de 1947 – Praia de Fora – Abrigo de Menores. Acervo Instituto dos Irmão Maristas.....	36
Figura 8 – Fotografia década de 1980, Vista aérea da Av. Beira Mar Norte. Acervo Fabiana Cormelato.....	41
Figura 9 – Fotografia de 1977, contorno da Av. Beira Mar Norte. Acervo Mapoteca do IPUF.....	42
Figura 10 – Fotografia década de 1970 – Representação do momento que separou a Ponta do Coral da Cidade. Acervo: Suzete Sandim.....	46
Figura 11 – Fotografia aérea de Florianópolis, década de 1960, Mercado Público. Acervo: Irmão Maristas.....	47
Figura 12 – Fotografia das ruínas da Ponta do Coral, década 1990. Acervo: Fabiana Cormelato.....	57

Figura 13 – Fotografia do Quadro do artista plástico Cípriano-1998. Acervo da pesquisadora.....	59	Figura 28 - Fotografia de 1984 – Movimento pela preservação da Ponta do Coral. Acervo: Marisa Fonseca.....	84
Figura 14 – Fotografia das ruínas da Ponta do Coral em 1993. Acervo: Fabiana Cormelato.....	60	Figura 29 – Fotografia de 1984 – Movimento pela preservação da Ponta do Coral. Acervo: Marisa Fonseca.....	85
Figura 15 – Fotografia da demolição das ruínas da Ponta do Coral em 14/09/1998.....	61	Figura 30 – Fotografia de 1984 – Movimento pela preservação da Ponta do Coral. Acervo: Marisa Fonseca.....	86
Figura 16 – Fotografia das ruínas da Ponta do Coral após primeira etapa da demolição, 1998. Acervo: Mauro Passos.....	62	Figura 31 – Fotografia de 1984 – Movimento pela preservação da Ponta do Coral. Acervo: Marisa Fonseca.....	87
Figura 17 – Fotografia do portal das ruínas da Ponta do Coral, 1998. Acervo: Mauro Passos.....	62	Figura 32 – Fotografia de 1984 – Movimento pela preservação da Ponta do Coral. Acervo: Marisa Fonseca.....	89
Figura 18 – Imagem do Jornal Imagem da Ilha em 24/02/2004, p.8.....	63	Figura 33 – Fotografia de 1984 – Movimento pela preservação da Ponta do Coral. Acervo: Marisa Fonseca.....	90
Figura 19 – Imagem do Jornal Imagem da Ilha em 01/03/2004, p.4.....	63	Figura 34 – Fotografia de 1984 – Movimento pela preservação da Ponta do Coral. Acervo: Marisa Fonseca.....	91
Figura 20 – Imagem do Jornal Imagem da Ilha em 01/03/2004, p.4.....	64	Figura 35 – Convite de formatura – Turma de Arquitetura-UFSC/1984-2. Acervo: Robinson Alves.....	93
Figura 21 – Imagem do Jornal A Notícia em 11/03/2001, p.3.....	65	Figura 36 – Imagem Jornal O Estado em 08/11/1980, p.20.....	95
Figura 22 – Imagem do Jornal A Notícia em 11/03/2001, p.3.....	66	Figura 37 – Imagem Jornal Diário Catarinense em 05/05/2002, p.32.....	97
Figura 23 – Fotografia do contorno Av. Beira Mar Norte em 2002. Acervo:IPUF.....	68	Figura 38 – Imagem Jornal Diário Catarinense em 05/05/2002, p.32.....	98
Figura 24 – Fotografia de 1984 – Movimento pela preservação da Ponta do Coral. Acervo: Marisa Fonseca.....	79	Figura 39 – Projeto Urbano-arquitetônico/UFSC, realizado por Marcelo Galafassi e Raquel Medeiros – 1993. Acervo: Mauro Passos.....	99
Figura 25 – Fotografia de 1984 – Movimento pela preservação da Ponta do Coral. Acervo: Marisa Fonseca.....	80	Figura 40 – Projeto Urbano-arquitetônico/UFSC, realizado por Tatiana Filomeno – 1993. Acervo: Mauro Passos.....	100
Figura 26 – Fotografia de 1984 – Movimento pela preservação da Ponta do Coral. Acervo: Marisa Fonseca.....	80		
Figura 27 – Fotografia de 1984 – Movimento pela preservação da Ponta do Coral. Acervo: Marisa Fonseca.....	82		

LISTA DE SIGLAS

ATH	- Área de Incentivo à Hotelaria.
APPC	- Associação dos Pescadores da Ponta do Coral.
AMC	- Área Mista de Comércio.
BHPC	- Breve Histórico da Ponta do Coral.
BESC	- Banco do Estado de Santa Catarina.
BADESC	- Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.
CEPAL	- Comissão Econômica para a América Latina.
CELESC	- Centrais Elétricas de Santa Catarina.
CECA	- Centro de Estudo, Cultura e Cidadania.
CIC	- Centro Integrado de Cultura.
DER-SC	- Departamento de Estrada e Rodagem de Santa Catarina.
EMPASC	- Empresa Estatal de Pesquisa Agrícola de Santa Catarina.
ELETROSUL	- Empresa Transmissora de Energia Elétrica do Sul do Brasil.
FUNABEM	- Fundação Nacional do Bem Estar do Menor.
FUCABEM	- Fundação Catarinense para o Bem Estar do Menor.
FATMA	- Fundação do Meio Ambiente.
IPUF	- Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis.
LTDA	- Limitada.
ONU	- Organização das Nações Unidas.
PT	- Partido dos Trabalhadores.
PMDB	- Partido do Movimento Democrático Brasileiro.
SC	- Santa Catarina.
S.A	- Sociedade Anônima.
SNAC	- Sociedade Nacional de Construções Ltda.
SEE	- Secretaria Estadual de Educação.
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
TELESC	- Telecomunicações de Santa Catarina.
UDESC	- Universidade do Estado de Santa Catarina.
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
CAPÍTULO I.....	22
1. AS RELAÇÕES DA CIDADE COM O “ANTIGAMENTE”.....	22
1.1. A CIDADE E OS PRIMEIROS REGISTROS DA PONTA DO CORAL.....	25
1.2. O SÉCULO DA MODERNIZAÇÃO.....	30
1.3. AS DISCUSSÕES POLÍTICAS DAS DÉCADAS DE 1930 E 1940.....	34
1.4. A DÉCADA DE 1950 E AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES.....	36
1.5. A DÉCADA DE 1960 E A CONCRETIZAÇÃO DOS PROJETOS.....	37
1.6. A DÉCADA DE 1970 E A BEIRA-MAR NORTE.....	38
CAPÍTULO II.....	45
2 PRIVATIZAÇÃO E MEMÓRIA DA CIDADE: CONSEQUÊNCIAS PARA A PONTA DO CORAL.....	45
2.1. AS MÚLTIPLAS HISTÓRIAS DE UMA CIDADE.....	52
2.2. O DESTINO DA PONTA DO CORAL.....	53
2.3. AS DESAPROPRIAÇÕES.....	67
CAPÍTULO III.....	70
3. AS REIVINDICAÇÕES PRESERVACIONISTAS.....	70
3.1. ARQUITETOS DO MUNDO: PROTAGONISTAS DA AÇÃO.....	72
3.2. A TURMA PONTA DO CORAL.....	73
3.3. PONTA DO CORAL: PALCO DE MOVIMENTO ECOLÓGICO.....	78
3.4. A IMPRENSA: “ESTUDANTES OCUPAM A ÁREA”.....	94
3.5. ESTUDOS E PROPOSTAS.....	99
3.6. UMA PRAÇA A BEIRA MAR.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
FONTES.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nada é concreto e nada é para sempre; podemos optar por caminhos, fazer escolhas e criar possibilidades de felicidade, de sucesso, de estudos, de amizades e de paixões, de realizar conquistas; essas constatações me foram possibilitadas mediante a graduação em História, curso que realizei na Universidade Federal de Santa Catarina nos anos de 2001-2004.

Este curso definiu claramente a importância da prática nas questões que acredito serem significativas para o mundo em que vivo. Por isso, o tema dessa pesquisa está voltado ao desenvolvimento urbano sem limites, que traz a tona as discussões sobre a desafiadora questão ambiental.

As preocupações relacionadas ao meio ambiente sempre fizeram parte da minha vida. “Meio ambiente não é apenas a ideia de espaço, significa um conjunto de relações (físicas, químicas e biológicas) entre os fatores vivos (bióticos e abióticos) ocorrentes neste ambiente e que são responsáveis pela manutenção de todas as formas de vida existentes”. (RODRIGUES, 2002, p.51).

Constato, como professora de História, que estas discussões são constantes no dia-a-dia escolar; neste sentido, procuro sempre questionar nossas práticas ambientais através de projetos, passeatas, desenhos, produções textuais, enfim, movimento e estímulo à criação pessoal, direcionando a responsabilidade de cada um para seus próprios atos. Por meio de leituras e informações sobre a destruição ambiental, é possível constatar que a esperança está depositada na ação humana e na educação ambiental para reverter uma situação difícil e complexa na qual vivemos atualmente.

Paulo Freire (1996, p.72), diz que “a esperança faz parte da natureza humana”, por isso acredito no valor da Educação como agente transformador neste processo ambiental que humanos e não humanos estão enfrentando. Reigota (1995, p.11), diz que Educação Ambiental é “procurar estabelecer uma nova aliança, entre a humanidade e a natureza, uma nova razão que não seja sinônimo de autodestruição”. Questões estas a serem pensadas quando fazemos parte de uma mesma casa, mas que “só serão possíveis através do estímulo da ética nas relações econômicas, políticas e sociais” (Idem, p.11). Enquanto humanos dotados de inteligência e bom senso, precisamos aprender a viver em paz com o outro e com a natureza. Talvez homem e natureza

estejam passando por um sério processo de adaptação. Sobre esta questão Barcelos (2008, p.18), afirma que “aprender a viver juntos se constitui, hoje, numa necessidade”.

Estas questões fazem parte do histórico que envolveu muitos depoimentos de universitários, professores, ambientalistas, artistas, políticos, moradores e pescadores sobre a Ponta do Coral. Através de investigação obtive fotografias, mapas, entrevistas, denúncias, recortes de jornais e uma imensa bibliografia sobre as construções sem a devida prevenção na Ilha de Santa Catarina. No complemento destas discussões, o surto imobiliário e o progresso capitalista também fazem parte das questões contempladas neste estudo, pois são assuntos que atingem séria e diretamente o terreno da Ponta do Coral. Todo este processo foi movido pela questão-problema central: qual a importância do terreno da Ponta do Coral para a cidade de Florianópolis e para o movimento social ocorrido em 1980 pela sua preservação?

A Ponta do Coral é um acidente geográfico localizado na cidade de Florianópolis, no Bairro Agrônoma, Baía Norte da Ilha. Seu acesso é feito pela Avenida Beira Mar no trecho denominado Av. Irineu Bornhausen, próximo ao Bar Koxixo's. Uma área verde no centro da cidade, cobiçada e desejada por grandes construtoras.

Com vistas a lançar um olhar mais apurado sobre a história das ocupações dos espaços urbanos na capital de Santa Catarina, lançarei mão de alguns conceitos que considero fundamentais a esta pesquisa, dentre os quais destaco: desenvolvimento, sustentabilidade e movimentos sociais. O desafio é encaixar o resultado desses conceitos num pedacinho de terra envolto na mata, nas dunas, no mar, enfim num lugar que respira vida, a Ilha de Santa Catarina.

Apesar de muitos esforços serem prestados pelos diferentes órgãos e instituições de preservação do patrimônio histórico em Santa Catarina, é possível dizer que a preservação da cultura de um povo é uma questão de educação? Segundo Corrêa (1989), o nível de esclarecimento da sociedade de cada época nos mostra qual a identificação que o povo tem com sua própria cultura e consequentemente com os valores determinados como importantes. Os espaços urbanos que temos hoje estão ocupados por grandes construções que consomem espaços, e atuam com interesses na transformação urbana através da comercialização.

Encontra-se nesse contexto a cidade de Florianópolis/SC. A Ilha da Magia é orgulho do setor imobiliário e turístico e sonho de preservação contínua de ecologistas e naturalistas, sendo frequentemente colocado em discussão, a que preço constrói-se o progresso.

Entramos na Era Moderna no distante século XVIII, e de lá até nossos dias as descobertas técnicas e científicas nos impregnam valores efêmeros, onde o “mais atual” passa a ser a preferência, pois através do *moderno*, justificamos muitas das nossas atitudes. O moderno não precisa ser negativo, é um processo que faz parte da própria evolução humana, a questão parece ser onde está o limite? Talvez a própria modernidade responda que o limite exatamente não existe mais, em seu lugar encaixa-se o desenvolvimento sustentável, processo este que une o progresso à preservação, e que por hora parece nos convencer.

Desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade se define pelos “cuidados com as propostas ambientais educacionais vigentes, no caso a economia ecológica, incluindo a educação ambiental neste contexto” (FIGUEIREDO, op.cit. p.74). A sustentabilidade permeia “todas as instâncias da vida e da sociedade, para além da sustentabilidade econômica, podemos falar de uma sustentabilidade ambiental, social, política”. (GADOTTI apud FIGUEIREDO, op.cit. p.77). Toda sustentabilidade questiona o modelo capitalista. Porque este não valoriza a preservação cultural dos espaços urbanos característicos da cidade.

Dentro das mudanças de mentalidade, onde as pessoas ampliaram as maneiras de pensar a própria sobrevivência, não posso dizer que isso seja algo atual, mas uma evolução através dos séculos; a sociedade encontra-se hoje em posição não muito confortável. Isso porque, no passado os homens pensavam apenas em desenvolver, hoje temos que pensar simultaneamente em desenvolver e preservar.

Portanto, quando resolvemos falar sobre natureza e ecologia, envolvendo ações preservacionistas e progresso capitalista, abre-se um leque de opções, das quais o pesquisador tem que fazer suas escolhas.

Dentro das muitas escolhas que a histórica e bela Florianópolis proporciona, optei por trabalhar com a História da Ponta do Coral e suas inúmeras relações com o desenvolvimento da cidade.

Para tanto estabeleci como objetivo geral analisar através de fatos históricos, culturais e ecológicos qual a importância do terreno da Ponta do Coral para a cidade de Florianópolis e para o movimento social ocorrido em 1980 pela sua preservação.

Para alcançá-lo tracei como objetivos específicos identificar registros históricos da Ilha de Santa Catarina para entender o seu desenvolvimento urbano e suas relações com a Ponta do Coral; conhecer os fatos políticos e econômicos que desenvolveram um processo de compra e venda do valioso terreno da Ponta do Coral; e, por fim,

conhecer através da memória e da arte as apropriações e significações de um movimento social pela preservação da Ponta do Coral.

Defendo e questiono que o desenvolvimento urbano, para ser completamente humano precisa incorporar não só a modernização do ponto de vista econômico e edilício, mas também as dimensões histórica, cultural e ecológica da cidade, como defendem os movimentos sociais em torno dos conflitos e lutas pela Ponta do Coral.

O caminho metodológico que adotei neste estudo efetivou-se mediante uma pesquisa de abordagem qualitativa de caráter exploratório, o qual, segundo Severino (2007, p.23) “busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”. Fazenda (1994, p.58) diz que “no que se refere à pesquisa qualitativa pode-se dizer que os dados são coletados através da descrição feita pelos sujeitos”.

Amparada também na pesquisa documental, uma vez que foi necessário analisar documentos referentes ao objeto de pesquisa, Gil (1999), destaca que a principal vantagem de utilizar fonte documental é a possibilidade de conhecer o passado, assim como de investigar processos de mudança social e cultural, favorecendo a obtenção de dados. Como técnicas para coleta e análise de dados, foram adotadas entrevistas semi-estruturadas e a descrição. Associada a estas técnicas encontra-se também o levantamento de materiais existentes, os registros documentais, fotografias e produções do grupo envolvido.

Para seleção dos sujeitos da pesquisa, que foram em número de oito pessoas das quais três foram relatos obtidos no ano de 2002 e cinco foram entrevistas recentes com os participantes do movimento de 1980, adotei como critério a participação no movimento estudantil pela preservação do terreno da Ponta do Coral e seu envolvimento com a questão ambiental na Ilha de Santa Catarina. Para a realização dessa etapa foi necessário obter autorização, referente aos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os arquitetos que fizeram as reivindicações preservacionistas utilizando-se dos mais diversos modos de pensar a arte como protesto, portanto estou autorizada a publicar nomes e opiniões obtidos nas entrevistas.

Os resultados alcançados encontram-se sistematizados em três capítulos.

No primeiro capítulo intitulado “As Relações da Cidade com o Antigamente”, procurei explorar e investigar num olhar ampliado ao Estado de Santa Catarina, sua constituição e seu povoamento, contando as belezas e encantamentos que já no século XVI e XVII despertavam o

interesse dos estrangeiros que navegavam em suas baías. Ao buscar esses registros na historiografia, verifiquei que no século XVIII já havia menções sobre a Ponta do Coral, lugar que servia de ponto de vigia no complexo sistema de defesa da ilha. Mais tarde ficou conhecida como Ponta do Recife e no início século XX recebeu seus primeiros registros de construção, passando a ser alvo de investimentos e especulações (BHPC, 2000, p.4). A partir desse contexto desenvolveu-se durante décadas processos de compra e venda da área.

Ainda neste capítulo foi realizado um estudo sobre a história de Florianópolis, mostrando desde o momento em que seu nome ainda era Desterro para que possa ser identificado o processo urbano da cidade e a organização espacial da capital no decorrer dos anos. Neste sentido, Veiga (1993) contribuiu para o conhecimento histórico de mutação da paisagem urbano-arquitetônica da cidade. Para essa etapa foram utilizados mapas, fotografias antigas, propagandas de jornais da época e a relação entre a História política brasileira e sua repercussão nos andamentos políticos, econômicos, culturais e sociais na Ilha de Santa Catarina.

Simultaneamente à história da cidade foram descritos os primeiros registros da Ponta do Coral na historiografia catarinense, partindo dos primeiros moradores da área até o atual proprietário. Utilizei cada período, para identificar as transformações urbanas da cidade e a situação do terreno da Ponta do Coral dentro desse contexto, bem como sua importância ao setor imobiliário especulativo, na tentativa de entender como se deu esse desenvolvimento da cidade e quais as consequências deixadas pelo que chamamos de progresso.

No segundo capítulo intitulado “Privatização e Memória da Cidade: consequências para Ponta do Coral” foi realizada uma pesquisa específica da História da Ponta do Coral, que envolveu discussões políticas de privatização e questionamentos sobre a preservação da memória da cidade, para pensar o sentido dado pelo moderno às transformações dos espaços em constantes mudanças. Dentro desta discussão foi necessário pesquisar o destino da Ponta do Coral no processo de compra e venda da área. Foram usadas muitas fotografias para identificar a importância e a beleza do lugar, também para mostrar as ruínas e a paisagem exuberantemente verde que havia naquele espaço. Neste capítulo também pesquisei sobre o envolvimento da imprensa catarinense e qual sua contribuição dentro do processo e debates sobre a privatização.

Sobre a história específica da Ponta do Coral não há bibliografia, neste sentido foi de grande utilidade o documento “Breve Histórico sobre a Ponta do Coral em Florianópolis: do século XVIII aos dias atuais”¹ (utilizado no texto com a sigla BHPC), esse relatório foi elaborado pelos assessores do senhor Mauro Passos² que lutou pela preservação das ruínas. Esse documento cita os problemas econômicos e políticos que envolveram a História da Ponta do Coral e demonstra todo seu descontentamento com o destino dado ao terreno que em sua opinião deveria ser devolvido à comunidade como área de lazer.

O terceiro e último capítulo intitulado “Reivindicações Preservacionistas”, foi estruturado mediante o contato com os participantes do movimento social de 1980 pela preservação do terreno da Ponta do Coral para uso da população. A Ponta do Coral passou a ser palco de movimento ecológico estudantil e chamou atenção de toda população. A utilização das entrevistas trouxe não só a história da turma de universitários, mas também as lembranças do movimento que envolveu amizades, medos, surpresas e algo que é presente até hoje na história de vida desses profissionais, as questões ambientais e a luta por um mundo melhor.

Esta pesquisa envolve registros, protestos, pessoas e surpresas, pois vários anos se passaram e o movimento de 1980 pela preservação do terreno da Ponta do Coral ainda está vivo na memória da cidade. Durante as entrevistas tentei abranger o maior número de informações e registros por meio de quem viveu e conheceu os desafios apresentados pela luta de preservação da área, e também por aqueles que ainda hoje se dispõem a continuar. Para entender as razões dos que lutaram e lutam pela preservação da área, é imprescindível uma volta ao passado através da história da cidade, ou seja, é preciso conhecer para valorizar.

O movimento social pela preservação da Ponta do Coral envolveu alunos e professores, a educação estava presente em forma de protesto. Fleuri (2001) diz que com a educação podemos promover transformações que reforcem a organização de um poder popular, essas mudanças ocorrem à medida que as classes populares conseguem

¹ Pesquisa elaborada por Edson A. Wolff, assessor da bancada do PT na Câmara Municipal de Florianópolis, com a colaboração de Fernando Coelho Correia, assessor do Gabinete do Vereador Mauro Passos-PT e Elizabete Cristina da Luz, estudante/bolsista, Junho/2000.

² Mauro Guimarães Passos, foi vereador pelo município de Florianópolis no período 1997-2000 e 2001-2003 e deputado federal de 2003-2007. Político brasileiro filiado ao partido dos trabalhadores desde 1993. É formado em Engenharia mecânica, com pós-graduação em Recursos Hídricos e em Planejamento Energético. Atualmente é presidente do Instituto para desenvolvimento de energias alternativas na América Latina.

construir seu poder no sentido de irremovendo o poder da classe capitalista. A transformação vai existir a partir de nós enquanto sujeitos do processo.

Os protestos na Ponta do Coral foram pacíficos e diferentes; Fantin (2005, p.15), diz que “podemos participar de um jeito diferente de fazer política, podemos fazer educação com arte, com linha e agulha, com gesto de dar as mãos, com pinturas de painéis, festival de pipas entre outras coisas”. Essas “ações coletivas e planejadas” segundo Fleuri (2001, p.30), podem “produzir transformação significativa nas relações sociais de poder e no sistema de ensino escolar, o que for acontecimento isolado não terá força”.

Para as ações dos estudantes de Arquitetura envolvidos em atos de política e protestos, Figueiredo (2007, p.39) chama de “politização e criticidade do ato educativo”, salienta que é necessário integrar os alunos num processo de conhecimento ambiental através da educação universitária.

Neste capítulo também procurei buscar as lembranças para conhecer melhor os acontecimentos e entender o movimento ecológico estudantil de 1980. Ecléa Bosi (1979), reforça esta questão dizendo que a memória possui um papel significativo na vida das pessoas.

Reconstruir o passado é impossível, mas usar a ajuda de dados emprestados do presente para possibilitar este conhecimento, é gratificante. Cabe ao pesquisador viabilizar essa ajuda trabalhando a importância desses momentos dentro da historiografia contemporânea. Não como saudosismo, mas como valores a serem utilizados.

A busca por contemplar essas questões na presente pesquisa residem na importância e na necessidade de entender e questionar o valor da história no mundo da paisagem urbana, invadido pela ciência e pela técnica, que com seu desenvolvimento atropela monumentos antigos em nome do progresso e da modernização.

CAPÍTULO I

1 AS RELAÇÕES DA CIDADE COM O “ANTIGAMENTE”

Este capítulo mostra meu envolvimento com a história da cidade, buscando conhecer a sua formação urbana em relação às suas características nativas e encontro neste momento os primeiros registros da Ponta do Coral. Acompanhar essas transformações que muitas vezes passam despercebidas aos nossos olhos pela atenção individualista que a modernidade³ nos impõe, deixa reflexões e curiosidades, pois a cidade respira, vive, se molda, se faz e se desfaz num ritmo que nós enquanto “seus habitantes”, damos a ela.

Para escrever em poucas folhas sobre a Florianópolis do século XVI ao XX, tive que mergulhar em uma bibliografia complexa que envolvia paisagens, imagens e sonhos. Precisei trilhar belos caminhos por onde os livros levaram-me e, ao anotar, fotografar, fotocopiar, ler e reler informações que considerava importantes foi necessário a elaboração de um texto que pudesse esclarecer o processo de desenvolvimento⁴ ou progresso e crescimento do espaço urbano da cidade.

Pelos caminhos historiográficos podemos voltar um pouco no tempo para compreender o desenvolvimento urbano na Ilha de Santa Catarina, pois é dentro deste contexto num tempo distante que aparecem os primeiros rumores sobre a Ponta do Coral e sua importância para a cidade.

Ao ampliar o olhar sobre o Estado de Santa Catarina, vemos que se desenvolveu dentro de uma grande mistura étnica, formando-se ao final do século XIX num “mosaico de raças e nacionalidades”.⁵ Suas cidades até hoje estampam os gostos estrangeiros. Algumas etnias são bastante enfatizadas pela historiografia, a colonização açoriana no

³ Modernidade no sentido de gosto ou tendência do que é moderno, designação genérica de vários movimentos artísticos e literários, surgidos no fim dos séculos XIX e XX, que buscaram examinar e desconstruir os sistemas estéticos tradicionais, fugindo dos modelos tradicionais, inovações. (Houaiss, 2001, p.1941).

⁴ Os conceitos de desenvolvimento e progresso serão usados com a ideia de que o “humano desenvolveu técnicas, reflexões e atitudes, avançando a tal ponto que esqueceu que é parcela da natureza, dependendo de relações construídas com ela” (FIGUEIREDO, 2007, p.67).

⁵ Expressão usada na Apresentação do livro de Alcídio Mafta em referência ao povo catarinense que nos fins do século XIX e princípios de século XX tinha poloneses, belgas, ucranianos, austríacos, gregos, sírio-libaneses, holandeses e japoneses. (SOUZA, 1992).

século XVIII e a imigração alemã e italiana no século XIX (MIRA, In: CORRÊA, 2000, p.130).

Na capital do Estado estes traços se misturam. No interior da Ilha acentuaram-se os traços açorianos, no centro acentuou-se a arquitetura europeia dos italianos e alemães, proporcionando aos admiradores belos casarios, igrejas, praças e monumentos bem característicos de cada estilo. Virgílio Várzea (1985) ajuda a conhecer melhor essa história, quando de modo poético descreve a história da Ilha de Santa Catarina, contando as belezas e os encantamentos que já nos séculos XVI e XVII despertavam o interesse dos estrangeiros que navegavam em suas baías.

Portanto, a capital do Estado moldou-se aos planos de seus primeiros exploradores e colonizadores, permanecendo assim por séculos e tendo como referência de crescimento urbano, o núcleo central, onde se encontravam a Igreja Matriz e a Praça XV de Novembro⁶. Esgotado o espaço central a cidade passou a se desenvolver em outras direções, cresceu e recebeu com frequência muitos novos moradores, dividindo sua história em centro, arrabaldes, chácaras, vilas, praias, campos, ilhas e ilhotas.

Segundo Cabral (1979, p.36), a Câmara Municipal em 1839 estendeu os limites da área urbana da cidade (então chamada Desterro) para o sul e para o norte, “o limite sul avançou até a ponta chamada do José Mendes (que ainda conserva este nome), onde tivera a sua chacara José Mendes dos Reis, e o extremo norte foi empurrado para Pedra Grande, no caminho do Tacorubi”. O autor explica também que no bairro do Mato Grosso (atual Agrônômica), a localidade de Pedra Grande, onde atualmente fica a Ponta do Coral, era no século XIX, uma região de muitas chácaras.

Fundada ao tempo do Brasil Colônia, e disposta sobre o modelo topográfico acidentado, é compreensível que Desterro não tenha primado por um traçado urbano regular e geométrico. Suas ruas cresceram a esmo, obedecendo preliminarmente às preocupações de ordem comercial (Idem, p.34).

Nesse sentido, Florianópolis passou a requerer projetos, plantas e regulamentos que delimitassem o processo urbano da cidade, a administração municipal já demonstrava preocupação com a

⁶Essas regras urbanísticas e de construção fazem parte das características originais de cada cultura, e no caso específico das cidades ibero-americanas, irão nos remeter aos antecedentes clássicos, pois o costume ibérico de reservar para o templo o melhor local da colônia a ser fundada é uma antiga tradição, cuja origem ultrapassa a Idade Média e alcança a civilização greco-romana. (VEIGA, op.cit. p.49).

organização espacial da Capital⁷. Segundo Cabral (1971, p.123), as primeiras ruas claramente definidas aparecem provavelmente no início do século XIX, mas é somente ao final do século que terá uma imagem mais clara de centro urbano. Nesse período, aos poucos foi surgindo uma classe mais abastada, transformando a aparência humilde do lugar. Com o florescimento comercial e marítimo, algumas fortunas começaram a despontar, emprestando à região um ritmo mais intenso de progresso.

As preocupações políticas e administrativas centralizadas na cidade, que viria a ser a capital da Província, deram-lhe uma importância maior. Tudo isso se refletiu no seu desenvolvimento urbano (VEIGA, op.cit. p.76), e, a partir da Independência do Brasil ganha foro de cidade, a sua polarização já se fazia sentir, principalmente na faixa litorânea da Província, decorrente não só de sua condição de capital político-administrativa, mas pela intensa atividade comercial, dinamizada pela importação/exportação de produtos através de seu porto (MARCON, 2000, p.70).

Com o advento da primeira República, processaram-se as tentativas de reformas na Capital catarinense, promovendo uma remodelação urbana e social (ARAÚJO, 1989, p.14). E a partir de 1894 o próprio nome da cidade também mudaria, passando a se chamar Florianópolis, que quer dizer "cidade Florianiana", em homenagem ao chamado "Marechal de Ferro", Floriano Peixoto, (segundo presidente da República do Brasil e déspota da chacina na ilha de Anhatomirim, Florianópolis/SC). Isso demonstra que ao longo do século XIX, o desenvolvimento foi lento, mas progressivo, relacionando a trama urbana com as ruas e praças, determinando também a forma dos espaços na cidade que se consolidou num primeiro momento.

Digo num primeiro momento porque a partir daí a cidade acelerou seu ritmo urbano. No decorrer dos primeiros trinta anos do século XX, a cidade se expandiu⁸, marcando diversos momentos de

⁷ Foram editadas leis municipais, entre 1895 e 1898, que demonstraram as primeiras iniciativas governamentais voltadas a transformar a cidade, fazendo com que a mesma adquirisse características mais modernas. (MARCON, 2000, p.88).

⁸ Testemunharam esse processo a construção do novo Mercado Público (1905), a reforma do Palácio do Governo (1896), a instalação do serviço público de abastecimento de água (1906) e do esgoto sanitário (1906-1913), a construção da usina hidroelétrica para abastecimento da cidade em substituição do sistema de iluminação pública a gás (1910), e a montagem das linhas de bonde movidas à tração animal (1906-1910). A cidade tomou forma e traçado definitivo com a abertura das avenidas Mauro Ramos, Hercílio Luz e Rio Branco. O ritmo da construção civil adquiriu novo impulso. Além das habitações populares, destacaram-se diversos prédios de várias instituições que contribuíram ou ampliaram suas sedes. Instalou-se o Liceu de Artes e

modernização⁹ com a oferta de vários serviços urbanos como telefone, água encanada, luz elétrica, esgoto sanitário, linhas de bonde e novas opções de moradia e de lazer (VEIGA, op.cit. p.179).

1.1 A CIDADE E OS PRIMEIROS REGISTROS DA PONTA DO CORAL

Os primeiros registros em mapa da Ponta do Coral (figura 01) aparecem no período de 1876, numa planta da cidade de Desterro de Alfredo Taunay¹⁰. Identifica a localização da sede da chácara de Alexandre Gaignette, próximo à Ponta do Coral.

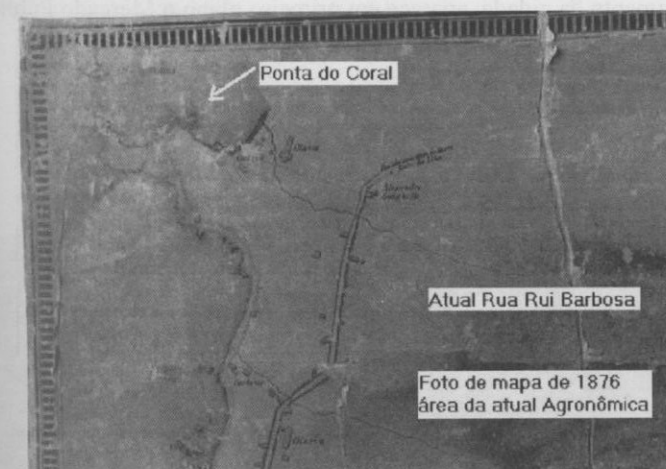


Figura 01: Mapoteca do IPUF. Período de 1876.

Ofícios, o Ginásio Catarinense (1906), o Asilo de Mendicidade Irmão Joaquim (1911) e o Asilo São Vicente de Paula (1916). Ampliou-se o Colégio Coração de Jesus (1902); construíram-se a Maternidade Dr. Carlos Corrêa (1920) e a Escola Normal do Estado (1922). Encerrando o período com uma obra de maior investimento da época, a Ponte Hercílio Luz (1924-1926). (PEREIRA, 1974, p.50)

⁹ Atribuições que trazem o peso do moderno ou a necessidade de modernização, no sentido "tornar-se moderno", acompanhando as evoluções e as tendências do mundo atual, "efetuar mudanças ou mudar, substituindo-se sistemas, métodos, equipamentos, etc, antigos por outros modernos". (HOUAISS, 2001, p.1941).

¹⁰ Nobre, escritor, músico, artista plástico, professor, engenheiro militar, político, historiador e sociólogo brasileiro. No dia 26/04/1876 foi nomeado presidente da Província de Santa Catarina. Assumiu de 07/06/1876 a 02/01/1877. (TAUNAY, 1933, p.5).

Voltar no tempo e conhecer a Florianópolis de antigamente é ao mesmo tempo interessante e traumatizante. Interessante porque descobrimos que desde o século XVI a Ilha já despertava o interesse dos navegadores que aqui passavam, muito pelo seu aspecto físico, parecia um lugar onde as palavras rimavam rica vegetação, água potável e belas paisagens. E traumatizante porque o presente nos mostra que a rica vegetação já

não é mais tão rica assim, a água potável já não temos mais, e as belas paisagens estamos lutando para preservar. Estes são percalços de um caminho movido pelas questões, modernidade/transformação ou progresso/desenvolvimento, situação que estamos aprendendo a conviver e, conseqüentemente, a questionar.

A figura 02 é uma fotografia de 1940 que registra esse momento de crescimento da cidade, aparece em primeiro plano o Mercado Público ainda à beira-mar e ao fundo a Ponta do Coral.



Figura 02: Acervo Ademar Goeldner. 1940.

A figura 03 é uma fotografia de 1937, registra em primeiro plano os pescadores e ao fundo a casa do Sr. Gevaer (primeira construção na Ponta do Coral), a construção do depósito de combustível da Stander Oil¹¹ e no trapiche um barco ancorado. Possibilita ver também a paisagem da Ponta do Coral, um lugar de área verde no centro da Ilha, que teve seus primeiros registros historiográficos, no longínquo século XVIII.

O Sr. Vilson Carpes¹² relata que, segundo contava seu pai, a Ponta do Coral na “época dos portugueses” (século XVIII) era utilizada como ponto de vigia no complexo sistema de defesa da Ilha. Caso os barcos ultrapassassem as defesas de Anhatomirim, Ponta Grossa e Ratoles, poderiam se esconder no Saco do Sambaqui e Saco Grande, locais que poderiam ser vigiados da Ponta do Coral¹³.

¹¹ Empresa norte-americana de exploração e refinamento de petróleo. Fundada por John D. Rockefeller e Samuel Andrews, constituída como Standard Oil Co. em 1870, conseguiu rapidamente controlar toda a produção petrolífera dos EUA e os respectivos meios de transporte (1875). Em conseqüência da lei anti-trust foi (1892) desmembrada em vinte companhias, das quais as mais importantes são a Standard Oil of New Jersey, a Standard Oil of Indiana, Standard Oil of California, etc. Tem mais de 250 empresas associadas, no mundo inteiro, das quais muitas (incluindo o Brasil) tem o nome Esso. Controla interesses petrolíferos na Venezuela, Canadá, Colômbia, países árabes do Oriente Próximo (com 14% da produção mundial. Seu único concorrente em capacidade de produção e venda é a Royal-Dutch-Shell. (Larousse, 1977, p.6433).

¹² O Sr. Vilson Carpes nasceu em Florianópolis em 1928, morador do Bairro da Agrônômica, conhece vários fatos da história da região. Quando criança, aos 8 anos de idade, lembra que ia buscar querosene no depósito da Standard. Entrevista concedida em 27/10/1998. Acervo Mauro Passos.

¹³ Isso porque a Ilha de Santa Catarina estava estrategicamente posicionada no caminho das expedições que percorriam o Atlântico em direção ao Prata. Esta posição levou Portugal, dentro de seu entendimento geopolítico, a transformá-la em ponto de defesa do litoral, estimulando a sua ocupação territorial e demográfica. (MARCON, op.cit. p.70).



Figura 03: Acervo Instituto dos Irmãos Maristas – Colégio Catarinense. 1937.

No século XIX, mais especificadamente nos mapas de 1814 e 1830 (CABRAL, 1972, p. 18-19), constam a identificação da Ponta do Coral como um acidente geográfico conhecido como Ponta do Recife. Sobre o assunto, o Sr. Adolfo Nicolich¹⁴, nascido em Florianópolis na década de 1920, relata ter ouvido muitas histórias sobre a Ponta do Coral, dentre as quais que o local era anteriormente denominado Ponta do Recife.

O nome Ponta do Coral surgiu depois que o Padre João Alfredo Rohr, membro integrante do Colégio Catarinense, fez um estudo no local e encontrou algumas espécies de corais, passando então a denominar-se, Ponta do Coral.

Numa visita aos pescadores da Ponta do Coral para conhecer um pouco de sua história e explorar o terreno, eles me relataram esta mesma história, inclusive foram comigo até a beira do mar para explicar que coral são um amontoado de pedras embaixo do mar e a localização do final dessa linha de pedras é o terreno da Ponta do Coral, por isso é expresso como “ponta”, porque o coral termina exatamente neste terreno.

¹⁴ Entrevista concedida à equipe de pesquisa do senhor Mauro Passos em 23/10/1998. Acervo Mauro Passos.

A figura 04 é outro mapa que retrata um período mais atual e para melhor visualização temos a exata localização do espaço entre a Ponta do Coral e a Ponta do Lessa, denominado como “praia do Gaignette”. A área já era registrada nos mapas antigos, pois se destacava em meio de uma paisagem exuberante na vegetação da Ilha. A partir daí os comentários sobre a área que se encontra a Ponta do Coral são frequentemente encontrados na historiografia local, acompanhando o processo de desenvolvimento e crescimento do espaço urbano da Ilha.



Figura 04 - Parte do mapa físico-político da cidade de Florianópolis PMF-IPUF, 4ª Ed. 1998. Acervo Mauro Passos.

Identificar a história da Ponta do Coral requer uma relação direta com o desenvolvimento da cidade, suas transformações viárias e urbanas e seus mecanismos de construção de identidades. Com o passar dos séculos a cidade vai sofrendo alterações em seu sistema urbano, onde a história da Ponta do Coral se faz contar a partir da história da cidade.

1.2 O SÉCULO DA MODERNIZAÇÃO

Foi no início do século XX que a Ponta do Coral recebeu seus primeiros registros de construção. Segundo Várzea (1900, p.51), o lugar era muito bonito, havia muita beleza natural nas suas proximidades, o autor diz que era um dos mais belos arrabaldes de Florianópolis, um bairro de linha, chic e aristocrático. Ao descrever a localidade cita as casas sobre terrenos de marinha¹⁵, os jardins e quintais avançando para as ondas, construções em cima de pequenas pedras e lajes alagadas, com os interstícios aterrados e murados em roda (Idem, p.56) A praia em Pedra Grande tornou-se um verdadeiro paraíso para as excursões e cavalgadas (Idem, p.57). Ao falar das construções na Ponta do Coral, possivelmente o autor se referia a casa do Sr. Victor Gevaerd e esposa, construída em 1915, sendo o primeiro registro de edificação no lugar. Nestes registros constam que em 1915 o Sr. Gevaerd vende a área da Ponta do Coral para João Batista Sabino que recebe seu aforamento em 1926. (BHPC, 2000, p.7-8).

Nesta época, entre 1926 e 1928, as empresas Texas Company, e Standard Oil Company iniciam a divulgação de seus produtos na Capital¹⁶, instalando seus depósitos junto do antigo Porto, no centro de Florianópolis, na região conhecida como Rita Maria, próximo à ponte Hercílio Luz (BHPC, op.cit. p. 16).

Com a chegada das empresas de combustíveis, estava sinalizado que a cidade seria alvo de inevitáveis modificações obrigando-se a adequar-se às exigências do novo transporte, o automóvel. Portanto, a modernização chega a Florianópolis com a passagem do modo de transporte marítimo para o rodoviário¹⁷ na década de 1920. Inicia-se com a inauguração da ponte Hercílio Luz, em 1926¹⁸, gerando a

¹⁵ Terreno de Marinha é uma faixa em toda a costa brasileira de 33 metros contados para o lado da terra a partir de onde chega a maré alta (a média das marés altas), mas tendo como referência as marés de 1831, época em que foi criado o conceito de terreno de marinha. Disponível em <http://sosterrenosdemarinha.org.br/duvidas/o-que-e-terreno-de-marinha>. Acesso em 03/01/2011.

¹⁶ Respectivamente conf. Jornal O Estado em 04/07/1926, p. 15 e em 04/05/1928, p. 8.

¹⁷ Momento esse, que Florianópolis sem as necessárias conexões rodoviárias e ferroviárias com outros centros, fechou-se sobre si mesma, e entrou numa fase de depressão, refletindo especialmente na construção civil. Foi como se a mutação da paisagem urbana estagnasse por um tempo. Jornal A Semana. 13.03.1930, p.12. A inversão desse panorama só irá ocorrer na segunda metade do século XX. (VEIGA, op.cit. p. 149).

¹⁸ Sua construção abriu novas frentes para o capital imobiliário, tanto na parte continental como na insular, desintencificando a construção nas áreas centrais e ocupando áreas desocupadas ou rarefeitas.

decadência do porto (NONNENMACHER, 2002, p.75), período que se prolonga até a década de 1950 (SUGAI, 1994, p.33). A construção da ponte pênsil, juntamente com as demais obras urbanas do governo de Hercílio Luz (1922-1925) e a construção do aeroporto acompanham esta última fase do período portuário (SILVA, 1999, p.19-20).

O impacto destas obras na cidade faz-se sentir nos alargamentos das vias de acesso à ponte e no crescimento da frota de veículos. No governo de Hercílio Luz foi construída também a avenida ao longo do Ribeirão da Bulha (hoje Av. Hercílio Luz), saneando a área, e a partir de então, amplia-se a pavimentação de ruas e o abastecimento de água e coleta de esgotos (RAMOS, 1986, p.11-14). São melhoramentos urbanos que buscam reafirmar a condição e o significado simbólico da Capital.

Com o visível crescimento da cidade, tornaram-se necessárias algumas medidas e precauções. Assim, o Prefeito Heitor Blum (1927-1930), temendo explosões e incêndios no Centro de Florianópolis, determina a retirada de todos os grandes depósitos de combustíveis e inflamáveis para mais de 500 metros da área urbana e autoriza em dezembro de 1929 a instalação da Standard Oil Company of Brasil na Ponta do Recife. Começaram neste momento as negociações para que a empresa comprasse a área da Ponta do Coral. Neste ano a empresa também investe nas propagandas de jornais, como podemos verificar na figura abaixo.

(MARCON, op.cit. p. 101). A construção da Ponte Hercílio Luz procurava solucionar, segundo a explicação mais difundida, dois problemas que se apresentavam na época: estava se fortalecendo um movimento em algumas cidades do interior que reivindicavam a transferência da Capital para o interior do Estado, sob a justificativa da distância e isolamento de Florianópolis que, situada numa ilha, dificultava o governo e a unidade do Estado; além disso, difundia-se a convicção dos governantes de que todas as dificuldades ao desenvolvimento econômico de Florianópolis eram decorrentes da ausência de uma ligação rodoviária com o Continente. (SUGAI, 1994, p. 43).

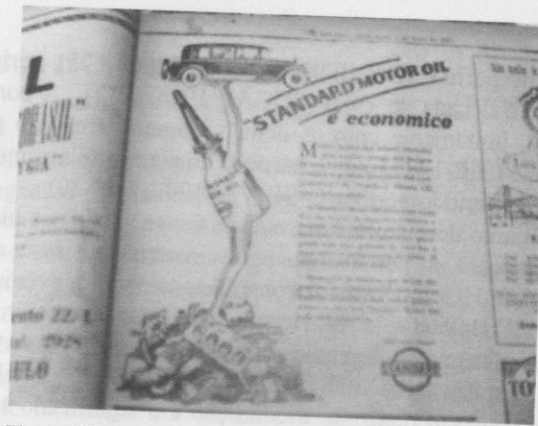


Figura 05: Jornal O Estado – 18/01/1929 – p.12.

As propagandas traziam a afirmação de economia e progresso dentro das benfeitorias realizadas para a cidade, os anúncios veiculavam a ideia de modernização, estimulando a utilização do carro, transporte moderno e seguro.

Que preço prefere V. Excia. pagar?

QUE a relação existente entre o preço de 1 litro de "Standard" Motor Oil e o de um embolo, um mascal, ou uma moeda de qualquer outro metal? O custo desses artigos é insignificante em relação ao custo de um litro de "Standard" Motor Oil. Portanto, se V. Excia. quiser economizar, deve comprar "Standard" Motor Oil.

Toda vez que V. Excia. abastece o motor com "Standard" Motor Oil, evita o custo de conserto. Evitar os gastos com o conserto de um motor é a melhor proteção que se pode tomar contra o vício e o destruidor Atrito, que levanta de verdade os olhos ordinários e acentua os defeitos. Portanto, se V. Excia. quiser economizar, deve comprar "Standard" Motor Oil.

Revista hoje mesmo o preço do "Standard" Motor Oil e veja que os consertos do motor são uma coisa do passado.

Standard Oil Company of Brazil
STANDARD MOTOR OIL

Figura 06: Jornal O Estado – 25/04/1929 – p.8.

O proprietário da área onde se localiza a Ponta do Coral, na época João Batista Sabino, solicitou certidão negativa de débito à Fazenda Estadual para poder vender a propriedade, a qual registrou situação irregular do referido cidadão como devedor de seus impostos. Mesmo assim, com os “devidos cuidados” dos advogados da empresa a venda se concretizou em 1930 e a construção do depósito de combustível da Standard Oil na Ponta do Coral foi autorizada pela Prefeitura.¹⁹ Seria necessário uma apuração detalhada de tais fatos para melhor esclarecimento da questão, sendo que a história da Ponta do Coral envolve muitas indagações e, por enquanto, poucas respostas. As questões políticas e judiciais certamente estão nos planos dessa historiadora, mas a ampliação da pesquisa ficará para outra oportunidade.

A Revolução de 1930 vai redefinir as políticas e a importância da atuação do Estado no país. O crescimento da máquina estatal devolve a Florianópolis seu dinamismo compensando a decadência da atividade portuária. O comércio da capital torna-se a principal atividade, crescendo bastante a partir da década de 1950 (SUGAI, op.cit. p.60).

Portanto, é dentro dessa movimentada década (de 1930), de inovações e modernizações, que a empresa norte-americana Standard Oil Company se instala na Ponta do Coral, investindo na construção de seus depósitos, cujo funcionamento permaneceu até 1938. As razões que motivaram a escolha daquele local pela empresa recém chegada à Florianópolis se devem provavelmente às recomendações de conhecedores da região, como a Capitania dos Portos, navegadores e/ou barqueiros, por ser o local de excelente acesso aos barcos de transporte (BHPC, op.cit. p.12). Segundo os relatos do Sr. Adolfo Nicolich²⁰, a Standard Oil transportava o combustível (tambores de 200 litros de gasolina e óleo) em barcos até a Ponta do Coral. Com guinchos e trilhos através de um trapiche, levavam o material para os dois pavilhões onde eram armazenados. Posteriormente, os caminhões da empresa levavam o

¹⁹ Houve duas resoluções municipais que apesar das irregularidades que envolviam o terreno da Ponta do Coral na época, (os débitos do Sr. João Batista Sabino com a Fazenda Estadual e a autorização de depósitos de combustíveis em uma área que na época já tinha iniciado seu urbanismo), favoreceram as negociações. A primeira é de 1929, nº 624 que definiu a competência do Prefeito ao determinar que “só é permitido no perímetro urbano depósito de inflamáveis, etc, em local determinado pela Prefeitura. E a segunda é do mesmo ano, de nº 641, que concedeu autorização especial à Standard Oil para construir na Ponta do Coral, os seus depósitos. (BHPC, op.cit. p.10-11). (grifo meu).

²⁰ Entrevista concedida à equipe de pesquisa do senhor Mauro Passos em 23/10/1998. Acervo Mauro Passos.

combustível para os três ou quatro postos de gasolina existentes na Ilha. Outro detalhe mencionado pelo Sr. Nicolich é que a rua ao lado do Posto Policial da Agrônômica, que segue para a Beira Mar, era vulgarmente conhecida pelos moradores como "Rua da Estanda"²¹, pois era utilizada pela empresa Standard Oil como acesso ao trapiche na Ponta do Coral.

1.3 AS DISCUSSÕES POLÍTICAS DAS DÉCADAS DE 1930 e 1940

Em 1935, Nereu Ramos (1935-1937) assume o Governo do Estado de Santa Catarina e edita o Decreto que cria o Juízo de Menores de Santa Catarina, iniciando o processo que culminaria com a construção do Abrigo de Menores na Agrônômica. A obra inicia-se em 1936 e é inaugurada em 1940 por Getúlio Vargas, em visita à Capital (BHPC, op.cit. p.13).

Em 1937, o Prefeito Mauro Ramos (1937-1938/39) determina a desativação de depósitos de combustíveis a mais de 500 metros do perímetro urbano, atingindo em cheio os investimentos da Standard Oil (lembrando que a empresa, com autorização da Prefeitura, construiu seus depósitos em 1929). Em 1937, a mesma Prefeitura resolve considerar que os depósitos na Ponta do Coral estavam novamente irregulares, isto é, dentro do perímetro urbano e determina uma nova mudança de local. A Standard Oil não aceita as decisões com passividade, luta juridicamente argumentando prejuízos pelos volumosos investimentos feitos no local, mas a Prefeitura alega interesse público conforme a Constituição de 1934. Assim, em 1938 a Empresa Standard Oil é obrigada a não mais utilizar seus prédios na Ponta do Coral como depósito de combustíveis (Idem, p.14-15). Mesmo com a saída da empresa, a cidade manteve sua paisagem quase intacta nos vinte anos que sucedem a Revolução de Trinta²². As modificações

²¹ O termo Ponta da Estanda ou Rua da Estanda era usado pelos moradores locais por ser difícil dizer Standard Oil, então esses dois termos passaram a ser mais populares. Declarações do Professor de História Nei Viegas em entrevista concedida a pesquisadora em 20/10/2002. Acervo da pesquisadora.

²² Em 1932 foi construído o primeiro edifício com quatro andares e elevador, era o Hotel La Porta. Em 1943 foi construído o edifício do Banco do Brasil com dois andares; em 1945 o do IPASE com quatro andares; em 1951 o Luz Hotel com cinco andares e em 1955 a Edifício das Secretarias com cinco andares e em 1959 o do IAPATEC e do Banco Nacional do Comércio com dez andares. (MARCON. op.cit. p. 112).

significativas começaram a ocorrer, e a partir daí, os espaços²³ passaram a ser preenchidos com a ideia de modernização²⁴ aliados a necessidade da cidade em crescimento e desenvolvimento.

Na década de 1940²⁵, houve a construção de edifícios para acomodação do aparelho do Estado. Nesta época o então Presidente da República, Getúlio Vargas²⁶ (1930-1945), em visita ao Estado, inaugurou o Abrigo de Menores, instituição de apoio às crianças carentes proveniente de todo o Estado e administrado pela Congregação dos Irmãos Maristas. A área que fica aos fundos do antigo Abrigo de Menores, que antes era chácara de lazer, passou a ser utilizada como área de lazer pelos internos e comunidade local, usufruindo também dos seus vários campos de futebol, a praia onde os internos puxavam a rede de pesca (Figura 07) e a própria Ponta do Coral, que também era chamada pelos abrigados como "Ponta da Estanda", onde muitos iam passear, tornou-se um lugar²⁷ movimentado.

A valorização das áreas nas praias como lazer, ocorrida na virada do século XIX para XX, paralelamente ao hábito do banho de mar, resultado do processo de saneamento, foi um dos motivos que gerou, nas primeiras décadas do século XX, um maior interesse de pessoas influentes de Florianópolis pelas diversas localidades ao redor da Ilha. No entanto, neste período, as únicas áreas com limpeza de praias, sistema de água e esgoto e coleta de lixo, eram aquelas localizadas no perímetro central (SUGAI, op.cit. p.35). Por isso a Praia de Fora, local onde ficava a Ponta do Coral, era um lugar de lindas chácaras o qual

²³ Espaço é cruzamento de móveis, é de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram, é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço é um lugar praticado. (CERTEAU, 1994. p.202).

²⁴ Uso o termo no sentido de "tornar-se moderno, acompanhando as evoluções e as tendências do mundo atual, efetuar mudanças ou mudar, substituindo-se sistemas, métodos, equipamentos, etc, antigos por outros modernos. (Houaiss, 2001. p.1941).

²⁵ Esse período contou com a criação do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (1941), da Casa de Saúde São Sebastião (1941) e do Hospital Nereu Ramos (1943); do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia (1943), da Comissão de Estudos dos Servidores Estaduais (1943); do Departamento Estadual de Estradas e Rodagem (1944); do Departamento Estadual de Informações (1945); da Delegacia do Patrimônio da União (1946); da Diretoria de Terras e Colonização (1948); bem como do Museu Histórico e Artístico de Santa Catarina (1948) e do Museu de Arte Moderna (1949). Esta ampliação contou também com a criação de alguns serviços, entre os quais: o Serviço Florestal do Estado e a Consultoria Jurídica. (MARCON. op.cit. p.112).

²⁶ Em 1940, governava o Estado o Interventor Federal Nereu Ramos. Nesta visita Getúlio Vargas inaugurou várias outras obras no Estado. (BHPC, op.cit. p.16).

²⁷ Um lugar é uma configuração instantânea de posições, implica uma indicação de estabilidade. (CERTEAU. op.cit. p. 201).

frequentemente as pessoas usavam para tomar banho de mar e se divertir.



Figura 07: Fotografia de 1947, os menores do Abrigo, puxando rede, ao fundo a Ponta do Coral, lugar de lazer e divertimento. Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas. No detalhe os eucaliptos, considerados a riqueza daquela área.

1.4 A DÉCADA DE 1950 E AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES

O gosto pelo banho de mar e por locais de lazer passou a ser frequente e o mercado imobiliário começou a crescer a partir da década de 1950 impulsionando o crescimento do norte da ilha (SUGAI, op.cit. p.39). Nessa mesma década o Estado elaborou planos, implantou equipamentos urbanos e executou intervenções viárias que refletiam mais acentuadamente o seu papel no processo de produção do espaço urbano da Capital. A preocupação com o planejamento territorial urbano levou o poder público municipal a contratar o urbanista Edvaldo Pereira Paiva e os arquitetos Demétrio Ribeiro e Edgar A. Graeff, em 1952, para iniciarem os trabalhos de elaboração do primeiro Plano Diretor da cidade, concluído em 1954 e aprovado em 1955, o Plano só iria sofrer

novas reformulações a partir da aprovação do novo Plano Diretor na década de 1970²⁸.

A década de 1950 foi um marco em desenvolvimento de projetos para as modificações urbanas e arquitetônicas da cidade de Florianópolis, sendo na década de 1960 e 1970, a implantação efetiva e consolidada destes projetos. Nesse período foram ocupados os terrenos do contorno norte da ilha, nas localidades dos bairros da Agrônômica e Trindade, onde anteriormente havia muitas chácaras. Assim, precisava-se garantir a ocupação e a acessibilidade a essa área, fazendo sua ligação a oeste, com a ponte, e com o centro administrativo-comercial da cidade na parte sul.

Portanto, entre outras modificações, este Plano Diretor de 1955, propunha uma avenida Beira-Mar, contornando a orla norte com 30 metros de largura, implantada sobre o fundo das propriedades existentes e em parte sobre aterro. O Plano autorizava, ao longo desta nova Avenida Beira-mar, edificações com gabarito de até oito pavimentos. Esta nova avenida, conhecida posteriormente como Av. Beira-Mar Norte, foi implantada na década de 1960 e constituiu-se na intervenção viária precursora da atual Via de Contorno Norte-Ilha (SUGAI, op.cit. p.66).

1.5 A DÉCADA DE 1960 E A CONCRETIZAÇÃO DOS PROJETOS

É a partir da década de 1960 que a transformação será sentida sobretudo na paisagem da Ilha. Ocorre a reintegração da Capital às atividades econômicas do Estado, paralelamente ao crescimento acentuado do setor público (NONNENMACHER, op.cit. p. 26). Implantou-se progressivamente grandes obras infra-estruturais de transporte rodoviário (SALLES, 2000, p.73), como as rodovias BR-101 (litorânea), BR-470 e BR 282 (buscando o interior), também foram pavimentadas as rodovias estaduais como a SC-401 (norte da Ilha) e ampliados os serviços de transportes.

²⁸ Este Plano sofreu as influências das formulações definidas pelos pesquisadores da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina-ONU), criada em 1948, e cujos preceitos refletiram-se em Planos Governamentais e em setores intelectuais, durante os anos 50 e 60 do século XX. As orientações formuladas pela Cepal que influenciaram o Plano propunham a superação do atraso econômico através do incentivo às atividades industriais, consideradas dinâmicas e modernas. (SUGAI, op.cit. p.63).

Na década de 1960, a Ponta do Coral passou “novamente” a ser do Estado. A ESSO Brasileira de Petróleo S.A. vendeu a área para o Governo do Estado, com autorização da Assembléia Legislativa. É a partir dessa década que os prédios da Standard Oil são utilizados como lavanderia do Abrigo de Menores, fato esse, inaugurado pelo então Governador do Estado, Sr. Heriberto Hülse (1958-1961). (BHPC, op.cit. p.17).

Em 1964 foi criada a FUNABEM (Fundação Nacional do Bem Estar do Menor). Em 1975 foi criada a FUCABEM (Fundação Catarinense para o Bem Estar do Menor), sendo a Congregação Marista afastada da administração do Abrigo de Menores, o qual passou a ser denominado de Educandário 25 de Novembro. Em 1976 foi assinado o Decreto Estadual que autorizou a transferência de bens móveis e imóveis para o patrimônio da FUCABEM, onde não constava o terreno da Ponta do Coral. Iniciou-se neste ano a elaboração do projeto de construção do centro-piloto da FUCABEM, em Palhoça, futuro Centro Educacional Dom Jaime de Barros Câmara. No ano de 1978, durante o Governo de Antônio Carlos Konder Reis (1975-1979), foi iniciada a construção da Beira Mar Norte que resultou na separação do terreno na Ponta do Coral, (ainda de propriedade do Estado) da área do Abrigo de Menores (de propriedade da FUCABEM). No entanto, os campos de futebol ao fundo do Abrigo e o terreno na Ponta do Coral já eram consolidados como áreas de lazer de toda a comunidade do bairro Agrônômica (BHPC, op.cit. p.18).

1.6 A DÉCADA DE 1970 E A BEIRA-MAR NORTE

Dessa maneira, chegou-se aos anos de 1970 fechando o período no qual a cidade de Florianópolis passou por profundas remodelações urbanas, quando, concomitantemente ao discurso pela urgência da modernização da paisagem da cidade, emergiu uma preocupação com a conservação de determinadas estruturas materiais, através da veiculação de discursos subjacentes à seleção dos bens que deveriam perdurar (NONNENMACHER, op.cit. p.17). Isso porque, a década de 1970 foi marcada por uma série de demolições de antigas construções, tendo como objetivo viabilizar a adequação espacial da cidade a um momento de intenso crescimento econômico, com isso muitos suportes da memória coletiva foram gradativamente destruídos (Idem, p.26).

É importante destacar que este momento político que envolveu a década de 1970, prevaleceu no meio dos governantes o fundamento da concepção “modernizante e desenvolvimentista” do período ditatorial do regime militar, pois se reproduzia nas gestões governamentais locais, com facilidade, a idéia das grandes obras (OLEIAS, 1994, p.45).

Portanto, durante a década de 1970 consolidou-se a ocupação espacial pelo setor hegemônico das elites na direção da Av. Beira-Mar Norte e nos balneários situados ao norte da Ilha. Iniciou-se também a ocupação por faixas populares de mais alta renda de algumas áreas próximas ao campus da UFSC na Trindade, isso ocorreu a partir dos investimentos estatais e dos loteamentos e condomínios que ali vinham sendo implantados.

O crescimento do centro urbano, a supervalorização dos terrenos, os serviços de atendimento público que se multiplicaram, os projetos urbanísticos mal concebidos ou mal implantados e, sobretudo, a imprevidência e o descaso dos responsáveis pelo governo e pelo planejamento da ocupação urbana, fizeram desaparecer os últimos vestígios de um quadro natural. As linhas originais da paisagem começaram a ser vencidas. A Av. Beira Mar Norte facilitando o acesso à área norte (setentrional) da ilha, permitiu a ocupação dos balneários ao norte, fazendo a cidade e seus habitantes aos poucos perder o contato com a orla da praia no centro, com a presença saudável da vegetação de mata atlântica e com a identidade humana, o que ficou foram construções e consequências psicológicas e ambientais destas alterações (VEIGA, op.cit. p.158). O movimento nas ruas e praças de pessoas e veículos em deslocamento, foi uma atividade que cresceu com a cidade, as obras e serviços de melhoria do sistema de circulação e acessos implementados como medidas disciplinadoras e organizadoras permitiram aceleração do adensamento (ARAÚJO, 1989, p.59).

Segundo Araújo (1989), dessa forma, num lento e descontínuo processo, iniciado desde o final do século XIX, compôs-se um panorama de onde emergiram algumas linhas de mutação e novos modos de funcionamento do espaço social urbano. Assim, gradativamente instauraram-se valores, posturas, hábitos e uma série de aspectos que, no conjunto das obras e serviços públicos, reformas arquitetônicas e urbanísticas, contribuíram decisivamente para a constituição de novas práticas de relacionamento social na cidade.

Portanto, viver uma cidade é uma experiência que traduz múltiplos significados para os diferentes grupos e pessoas que compartilham a vida na cidade (FANTIN, 2000. p.42). Nesse sentido

começam a aparecer as normas, surgindo a separação pedestre/veículo, as áreas especializadas em estacionamentos, os calçadões, as galerias comerciais, enfim, os elementos novos e necessários a essa organização. Assim, a circulação tornou-se o elemento funcional básico na estruturação da forma urbana e como tal, responde a necessidade formulada pelo cotidiano.

A partir de 1970, o grande número de funcionários da administração direta e das estatais foi deslocado do centro para outras áreas da cidade, cedendo lugar para o adensamento do comércio. A reforma implantada na Universidade Federal (1977) de sua expansão no campus da Trindade, a sede da TELESC (1974-76), a sede da EMPASC, Empresa Estatal de Pesquisa Agrícola (1977), o centro de treinamento do BESC, Banco do Estado de Santa Catarina (1979), a implantação da sede da Eletrosul, (1978) no Pantanal e o crescimento das estatais no âmbito estadual, contribuíram para a formação de uma classe média que se ampliava, necessitando espaços e acomodações. Portanto, as atividades básicas das instituições públicas são deslocadas do centro para as áreas próximas como, Trindade, Itacorubi, Estreito, etc. (NONNENMACHER, op.cit. p. 28-30). Nesse processo acelerado de mudanças, a população cresceu e a cidade inchou, tendo sua história nos espaços vazios como a Ponta do Coral e nas edificações, lugares que hoje estariam somente na memória.

Pela história do desenvolvimento urbano de Florianópolis Maria Inês Sugai constatou que, assim como outras iniciativas de construções feitas para escoar o fluxo homem/máquina, a construção da via Beira Mar Norte também naquele momento se fazia necessário. Estas transformações ocorreram devido a fatores econômicos e políticos que resultaram em mudanças significativas na forma de ocupação dos espaços, (SUGAI, op.cit. p.136 a 139) marcando na arquitetura da cidade a ruptura com a cultura local. As justificativas para as políticas de intervenção estatal nos espaços estavam fundadas em princípios de organização territorial no processo de modernização.

Os conceitos de modernização e desenvolvimento são utilizados como justificativas para as mudanças institucionais, para a política de concentração de recursos públicos em infra-estrutura e para a indústria em expansão nos grandes centros urbanos. Florianópolis tinha obrigação de acompanhar, ostentando seu status de Capital através de grandes instalações na sua estrutura urbana como avenidas, construções de edifícios com número de pavimentos além do permitido pela legislação vigente e um grande centro de compra em espaço urbano (figura 08).

entre outros. Locais esses que hoje geram um enorme fluxo de carros e tornam insuportável o trânsito na região.



Figura 08: Década de 1980, Campo de Futebol ocupado pelo Shopping a sua frente um terreno que é ocupado para estacionamento. Acervo Fabiana Cornelato.

As mudanças físico-espaciais da cidade de Florianópolis ao longo da discutida década de 1980, demonstra o descaso com a memória urbano-arquitetônica do centro da cidade e de seus arredores. Os espaços urbanos passam a serem tomados pela comercialização.

Para isso eram feitas alterações na legislação urbana, tanto no Plano de Desenvolvimento Integrado como no Plano Diretor, conforme os interesses de cada momento e cada governante (Idem, p.142 a 148). A figura a seguir demonstra grandes obras iniciadas na década de 1970 com o governador Colombo Salles (1971-1975), e a política de incentivo ao transporte rodoviário teve continuidade e foi reforçada no Governo de Antônio Carlos Konder Reis (1975-1979) que, além de eleger como maior prioridade de seu governo a execução do Programa Rodoviário, definiu como lema de governo, a frase bastante difundida na época: "governar é encurtar distâncias" (Idem, p.119). A construção da Av. Beira Mar fazia parte desse projeto e isolava o terreno da Ponta do Coral da cidade.

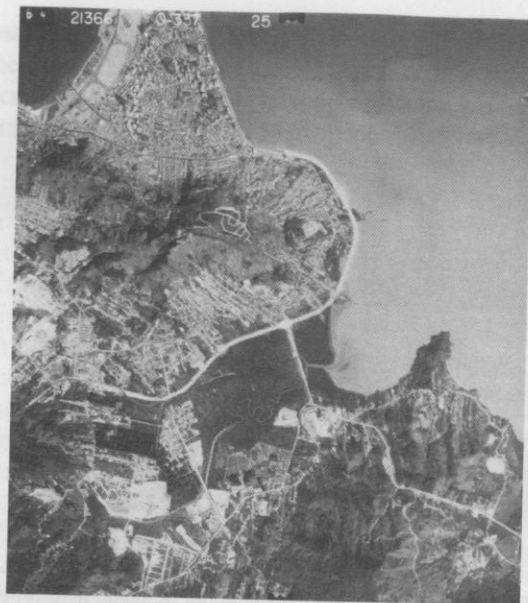


Figura 09: O contorno da Avenida Beira Mar inacabado em 1977. Acervo Mapoteca do IPUF.

Como demonstra a figura 09, no governo Konder Reis iniciaram-se as obras da Via de Contorno Norte-Ilha, constando na descrição e execução, segundo o projeto definido pelo DER-SC, a constituição de uma via expressa com 9,5 Km de extensão, que faz a ligação entre oanel viário da Ponte Colombo Salles, no aterro da Baía Sul, até o entroncamento das rodovias SC-401 e SC-404, no Itacorubi, com derivação para o campus universitário da UFSC, na Trindade (SUGAI, op.cit.150). Através do trecho ao longo da Av. Jornalista Rubens de Arruda Ramos a via expressa foi conectada à Av. Beira-Mar já existente, a qual foi utilizada para coletar e distribuir o tráfego local e de curta distância. A via expressa passou a absorver, além do tráfego de passagem, também o tráfego local e a distribuir o seu tráfego para a via marginal, definindo interrupções de fluxos para cruzamento das pistas centro-bairro com colocação de semáforos, foi utilizada a via marginal já existente para distribuição do tráfego local no sentido centro-praia e também para estacionamento de veículos. Esse trecho foi totalmente executado sobre aterro em áreas de marinha. Foram implantados neste

trecho dois amplos mirantes junto à ciclovia, ao passeio de pedestres e ao estacionamento (Idem, p.152-153).

A partir da Praça Celso Ramos, iniciou-se o trecho da via expressa denominado Av. Governador Irineu Bornhausen, que passou em frente ao Palácio do Governo e estendeu-se até a rótula de cruzamento com a Av. da Saudade, no bairro da Agrônômica. Nesta via, próximo a Ponta do Coral, foi construído o terceiro mirante da Via de Contorno. Este trecho, com 2,6 Km de extensão, foi implantado, em parte em terreno conquistado ao mar e ao mangue, através de aterro (Idem, p.153).

As diversas etapas das obras foram concluídas durante o período de 1979 a 1982. A conclusão final dos serviços de iluminação, paisagismo e sinalização, executados em toda extensão da via de Contorno Norte-Ilha, deu-se apenas no início de 1982 (SUGAI, op.cit. p.157).

Diante do progresso, outros fatores são sentidos. O processo de crescimento econômico como não poderia deixar de ser, não se fez de forma completa, deixando de beneficiar amplas camadas sociais, o que o situa fora do conceito de desenvolvimento no sentido que inclui o social. Os sinais de miséria são marcados na paisagem urbana, as ocupações de construções modernas excluem antigos moradores retirando-os da circulação em direção as encostas dos morros ou em áreas faveladas (MARCON, op.cit. p.110-111).

As cidades maiores são dotadas de avenidas, estações rodoviárias e sinalização de trânsito. Florianópolis precisava manter seu status de Capital, para isso recebeu recursos estaduais e federais. (OLEIAS, op.cit. p.59). Assim, nos anos de 1970 construiu entre outras, grandes obras como: o aterro da baía sul, a ponte Colombo Sales e a avenida Beira-Mar Norte.²⁹

Sinais de metrópole? Não sei responder, talvez sim. Parece-me que esses são momentos a serem analisados individualmente. Por dois motivos, primeiramente por serem construções vultuosas e de cunho redimensional a uma estrutura já existente, segundo pela ousadia do projeto que desafiou qualquer possibilidade de retroagir. Sim, porque a princípio pelo tamanho das proporções dos feitos dá-se a entender que estão perfeitamente planejados, extremamente ordenados e prontos a regular o que estiver “desregrado”.

²⁹O governador Colombo Salles (1971-1975), sintetizava o seu projeto de governo na palavra “modernização” (SUGAI, op.cit. p. 114).

A abertura da Av. Beira-Mar Norte ao longo da orla da baía norte, além de garantir a acessibilidade e a consequente valorização da área norte da ilha, foi a intervenção viária que procurou diferenciar e definir a marca de modernidade a este setor residencial. Apesar de ser uma avenida intra-urbana, foi construída pelo governo estadual por intermédio do DER-SC. A construção desta avenida foi iniciada em meados da década de 1960, na gestão do governo Celso Ramos (1961-1966), sendo concluída e pavimentada na década de 1970, pelo governador Ivo Silveira (1966-1971). A Av. Beira-Mar Norte iniciava na Praça Celso Ramos, divisa com o bairro Agrônômica, beirava a orla em aterro sobre a Praia de Fora e a Praia do Müller, até alcançar a cabeceira da ponte Hercílio Luz. Possuía, aproximadamente, 2.300 metros de extensão. Não foi feita, na época, a sua conexão com a Avenida Tronco na baía sul como previa o Plano Diretor. No início dos anos de 1970, começaram a ser construídos os primeiros edifícios residenciais ao longo da orla da Av. Beira-Mar Norte, posteriormente denominada Av. Jornalista Rubens de Arruda Ramos.

Percebe-se ao longo desse capítulo que a modernização da cidade de Florianópolis retirou da população espaços significativos para a cultura do lugar, muitas vezes inviabilizando a participação coletiva. Os espaços urbanos da cidade não são somente assuntos para o sistema resolver, enquanto cidadãos e cidadãs temos que participar deste processo, o envolvimento nas decisões que dizem respeito ao que usamos e pagamos nos traz o direito ao protesto, caso não haja consenso. A cidade é um lugar onde pessoas coexistem e devem propor suas construções com uma finalidade além da situação presente, neste sentido concluo que a sociedade exerce influência nas possibilidades de reflexão e de critérios na melhoria da reestruturação da organização social. É preciso mais ação e menos comodismo, menos reclamações.

Neste sentido cabe uma reflexão de Fantin (2000, p.213), quando diz que “efetivar políticas públicas e sócio-ambientais possibilita criar uma cidade que seja ao mesmo tempo, cosmopolita e hospitaleira”. Todos esses elementos nos ajudam a compreender que à cidade de Florianópolis não cabe copiar modelos, suas mudanças viárias e urbanas devem ser singulares com a devida preocupação e atenção à sensibilidade e percepção do espaço da cidade em seus usos no campo da sociabilidade.

Estes assuntos serão ampliados no próximo capítulo, envolvendo as questões, envolvendo as questões, econômica e política e discutindo o que representou e ainda representa o terreno da Ponta do Coral para a cidade de Florianópolis.

CAPITULO II

2 PRIVATIZAÇÃO E MEMÓRIA DA CIDADE: CONSEQUÊNCIAS PARA A PONTA DO CORAL

Conforme fora citado anteriormente este capítulo envolve a História do terreno da Ponta do Coral nos seus aspectos político e econômico. A partir da década de 1970 a cidade passou a viver muitas transformações em seu sistema viário e edilício; as questões imobiliárias especulativas passaram por momentos de grandes investimentos e a cidade inicia um processo de perda da sua característica original, o poder da privatização³⁰ toma conta daquilo que é público sem a devida fiscalização, é nesse momento que começam as negociações de venda do terreno de marinha onde fica a Ponta do Coral. O lugar passa a ser alvo do desleixo político e de um imenso processo especulativo.

A História da Ponta do Coral envolve a valorização da memória dos espaços urbanos da cidade, mas é preciso conhecer para entender e preservar. A conservação da cultura arquitetônica fundada na memória de seus habitantes é a maneira mais simples e direta de resistência e preservação. A história das edificações, desapropriações, demolições das ruínas e o processo de compra e venda da área, estão presentes no desenrolar deste capítulo.

Ao analisar a figura 10, podemos identificar o momento que a Ponta do Coral é amputada da cidade. A construção da Avenida Beira Mar Norte na década de 1970, deixou isolado um pedaço de terra. Pedaço este, que devido aos investimentos feitos com vias de acesso ao norte da ilha, passou a ser valorizado pelo setor imobiliário. Grandes construtoras apostaram e apostam um futuro promissor com as vendas de imóveis na Ilha, a acessibilidade das avenidas torna a procura maior que a oferta e em consequência a valorização dos terrenos concretiza-se.

³⁰ Privatização, no sentido de transferência do que é estatal para o domínio da iniciativa privada (Houaiss, 2001, p.2301).

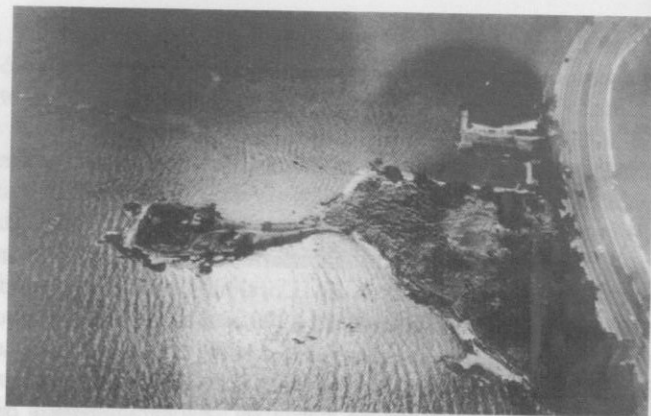


FIGURA 10 - Década de 1970, a Ponta do Coral é amputada da cidade. Foto de Suzete Sandim, publicada no livro Santa Catarina, a Ilha, da Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1995, p. 79.

A partir deste momento (figura 10), também se iniciam as discussões sobre o destino da Ponta do Coral entre o governo local e a comunidade em geral, por meio de manifestações, protestos e reivindicações. A respeito dessa sobra ou pedaço de terra deixada pela transformação viária moderna cabe uma reflexão crítica de Camillo Sitte (1992, p.44), quando diz que “ao gosto do contemporâneo ou moderno, não basta instalar suas próprias criações da pior maneira possível, o isolamento significa a perda de todo efeito”, essa ideia retoma o isolamento da Ponta do Coral da cidade, muitas vezes é essa atenção que o progresso deve ter, aquilo que tem uma significação dentro do espaço urbano, se isolado perde seu valor, precisa ser resignificado como cultura do lugar.

É importante observar que essas intervenções nas estruturas viárias da cidade carregam consigo uma ideia de modernidade, propondo vias integradas e de tráfego rápido. Sobre o assunto, Maria Bernadete Ramos (1997, p.23), professora no departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, diz que a “sociedade moderna propõe um mundo racional, com espaços lisos e homogêneos, com vastas avenidas e jardins bem plantados, onde as pessoas, empurradas pelas mudanças, teriam tanto o seu tempo de trabalho, como o seu tempo de diversão, administrados”. A mudança e as transformações decorrentes do moderno estimulam ao mesmo tempo o “não pensar” e o “deixar-se levar, o fluir”, caracterizado pelo novo

modo de ser, no sentido de “receber pronto”, com garantia de acessibilidade a todos os lugares através de rodovias retas, amplas e rápidas, isso por um lado nos traz a “banalização do cotidiano humano” (Idem, p.32), e por outro a sensação de fazer parte do processo contemporâneo. Não precisamos mais olhar para os lados, não há ponto de referência, só há linhas retas, lugares de passagens onde a vida flui.

Na figura 11 uma fotografia com vista aérea de Florianópolis, referente à década de 1960 (importante a comparação com a figura 02, duas fotografias do mesmo lugar em épocas diferentes), mostra a capital de Santa Catarina antes desse grande surto imobiliário citado acima, que a sacudiu a partir de 1970, bem como o perfeito contorno marítimo que definiu a cidade como caracteristicamente litorânea, antes dos aterros sul e norte. Observa-se a Praça XV de Novembro beirando o mar, ainda com a construção do chamado Mira Mar. A partir desse momento acontecem as transformações físicas nesse espaço, a sensação de rapidez é como se fosse algo necessário ao homem moderno, pois as características da cidade nesta época não condiziam com o nome “capital”.

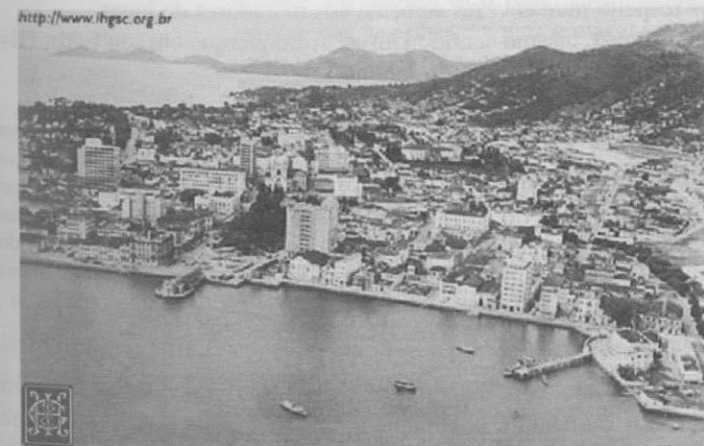


Figura 11: Vista aérea de Florianópolis referente a década de 1960. Acervo Irmãos Maristas.

Dentro deste processo não se transforma só a vida das pessoas, mas tudo que está ao seu redor. Os valores culturais que identificam a cidade passam a ser pontos de passagem, dentro de uma aceitação natural e corriqueira. Assim, é possível observar que como o contexto que envolveu a história da Ponta do Coral e, procurando por intermédio da historiografia conhecer melhor a história da Ilha de Santa Catarina, me deparo com alguns “grandes feitos” que, como a Ponta do Coral, não é pedaço amputado, mas pedaços em meio ao todo.³¹

Não saberia dizer se isso é modernização, progresso ou desenvolvimento, possivelmente esta pesquisa terminará sem encontrar a resposta. Uma cidade, no decorrer dos tempos, requer transformações, até mesmo pelas próprias exigências contemporâneas, mas com pontos a serem observados. Simon Schama (1996), em seu livro Paisagem e Memória, auxilia nesta compreensão quando diz que “no urbanismo, nos valores do progresso e do moderno ou em toda cultura independente da história de cada povo, estão depositados séculos de memória”. O autor faz uma análise detalhada e profunda das significações atribuídas à paisagem natural em diversas épocas e lugares, mostrando os equívocos no olhar do observador quando não é dada a devida importância ao que diz respeito muitas vezes somente aos moradores do lugar.

Neste mesmo sentido Durval Albuquerque em seu livro, História: a arte de inventar o passado salienta que,

[...] os objetos e as marcas deixadas pelo passado não trazem em si mesmos seu sentido, o passado não é o documento, o monumento, nem os vestígios por ele deixados, mas a compreensão da trama histórica em que estavam envolvidos, só possíveis de entender com um saber histórico e uma erudição previamente adquirida [...] (ALBUQUERQUE, 2007, p. 54)

Por sua vez, Fantin (2000, p. 30), concorda e confirma ao expressar o quanto é importante a consciência de que “para conhecer a cidade não basta olhá-la, é preciso escutá-la, é preciso senti-la, estudá-la e deixar-se penetrar pela experiência urbana”.

³¹ Neste momento estou me referindo em especial ao Aterro da Baía Sul, ao esquecimento do significado de Patrimônio Histórico da Rua Conselheiro Mafra, ao espaço vazio e sem uso chamado de praia que contorna a Via Beira Mar Norte e ao próprio centro da cidade que à noite e aos finais de semana é vazio.

Considerando o contexto exposto acima, como pesquisadora encontrei vários destes momentos na história de modernização urbana da cidade de Florianópolis. Nonnenmacher (2002, p.14), por exemplo, em sua dissertação de mestrado, ao contar a história da Rua Conselheiro Mafra, faz referência a “um lugar de memória”, inserindo o lugar estudado numa temporalidade vinculada às remodelações urbanas impostas pelos projetos de desenvolvimento econômico, que foram engendrados pelo Estado a partir de meados da década de 1960. Segundo a autora, poderíamos dizer que “houve um escasso sentimento de compreensão por parte da população em relação à ideia de que ali, naquele espaço da cidade, onde se localizava a Rua Conselheiro Mafra, existe um patrimônio a ser preservado” (Idem, p.14).

Bronaut por sua vez, ao tratar sobre preservação da memória urbana traz uma pesquisa que procura, através da história de uma casa, encontrar a história da cidade. Refiro-me à Casa do Barão, em Florianópolis. Ao expressar sobre seu tema de pesquisa, a autora diz que,

[...] a porta de entrada desta história é um casarão que, há mais de um século, é parte da cidade. Diz também que procura vê-la como uma construção privilegiada, semelhante a uma protagonista com diferentes enredos e temporalidades, uma espécie de espelho ou mapa onde são projetadas expectativas, sonhos, identidades, memórias, disputas, enfim, captadas através de vivências nela contidas, no contexto do bairro Praia de Fora em sua relação com o centro da cidade, quando esta ainda se chamava Desterro [...] (BRONAUT, 2004, p.4-5).

A importância da preservação do significado da memória da cidade é abordada também por Coelho (1997, p.15), na compreensão de que a memória é construída historicamente “por meio do que as pessoas falam e escrevem, nas construções, nos monumentos, nos museus, nos espaços cotidianos, nos lugares em que habitam, numa lenta sedimentação”. O termo memória neste momento está sendo utilizado para lembrar através da historiografia os espaços urbanos que não existem mais na cidade de Florianópolis e sua relação com a história da Ponta do Coral. No sentido descrito por Halbwachs (1990, p.25) “usar a memória para retornarmos a cidade antiga para lembrar lugares esquecidos. Reconstruir as lembranças para conhecer o lugar

historicamente". Coelho (op.cit. p.15) finaliza dizendo que a "cidade é a fonte de inúmeras imagens sedimentadas em diversos níveis da nossa memória". Conclui-se que a memória faz parte da identidade de cada povo, parece que a modernidade nega de certa forma essa questão através das palavras "necessidade de progresso". O que poderia ser questionado é, necessidade de quê? Para quem?

A questão que envolve a valorização da memória dos espaços urbanos é observada por Santos (1997), ao contar a história do Aterro da Baía Sul, faz referência ao espaço e memória de um desencontro marítimo, traz ao nosso conhecimento as remodelações urbanas implantadas na década de 1970, na Baía Sul da Ilha, e mostra as consequências no cotidiano da população.

[...] pensar as cidades através de etapas que se sucedem pode ser enganoso. Os usos da cidade não se sucedem mais, se sobrepõem, interação velho e novo num processo recombinação. A Florianópolis portuária desinvestida, interpenetrou-se com a Florianópolis rodoviária, pelo menos até a inundação de areia sofrida pelos atracadouros para a edificação do grande monumento ao automóvel, o Aterro da Baía Sul. Esta mudança marca um momento da desmaritimização da cidade e à medida que Florianópolis começa a ser reorganizada em função da crescente movimentação rodoviária, vai acompanhando uma decrescente movimentação marítima, que se agrava no sentido de desativação das sociabilidades desenvolvidas na orla [...] (SANTOS, 1997, p.33)

Ao pensar o Aterro da Baía Sul conforme os escritos de Santos (op.cit), é possível conhecer o processo que envolveu lutas e contradições ali existentes. Vários pontos de interrogação surgem quando o assunto é como e porque foi feito o aterro. Não há neste estudo a intenção de fazer um discurso saudosista, mas entender o motivo pelo qual se destrói para se construir. Para ser moderno? Mas o que é ser moderno? Nesse sentido Ramos (op.cit. p.25) nos lembra que "quando algo passa a ser moderno pode ser destruído a qualquer momento, numa dialética de afirmação e negação da cultura". O moderno permite transformações, "facilidades", acessos... colocar, tirar, sobrepor, entrepor, enfim são as possibilidades oferecidas pelo moderno.

Essas possibilidades fazem da cidade um lugar em transformação, um espaço fragmentado e multifacetado no qual o indivíduo tem que se adaptar constantemente às novas mudanças, nem sempre assimiláveis. Neste processo urbano parece não ter grande importância a conservação de uma cultura arquitetônica fundada na memória de seus habitantes. O espaço contemporâneo, dentro da realidade florianopolitana, caracteriza-se por um constante processo de fazer e refazer, uma "dialética entre destruição e construção" (COELHO, op.cit. p.22). Faz parte desse processo sujeitos constituídos de passado e de presente, de memória e de esquecimento, de experiências e de sistemas de imaginários; é importante perceber como esses sujeitos sociais transformam, resistem e vivem os tempos descontínuos e os espaços fragmentados da modernidade (RAMOS, op.cit. p.22).

Estes são momentos a serem considerados quando se questiona a identidade de um povo à medida que as mudanças da paisagem urbana começam a ocorrer com mais frequência. Sobre o assunto, Fantin (2000) diz que,

[...] uma cidade começa a mudar efetivamente quando seus moradores já não se reconhecem mais na cidade, quando já não conseguem mais reconhecer as pessoas que partilham o mesmo chão. Aumenta a circulação de estranhos nas ruas. Lugares tradicionais perdem sua vitalidade. Desmoronam-se tijolos e memórias. Florianópolis está a meio caminho. Poderíamos dizer que ela é uma "pequena metrópole". Já possui uma multidão de rostos desconhecidos que circula, mas há ainda lugares de encontro em meio a tantos desencontros [...] (FANTIN, 2000, p.51)

A autora ainda complementa dizendo que "é só caminhar pelas ruas da cidade, no calçadão do centro, que ainda se percebe, em meio à (pequena) multidão, uma "cidade conhecida", uma cidade que se encontra". Encontra-se para contar a sua história...

2.1 AS MÚLTIPLAS HISTÓRIAS DE UMA CIDADE

Uma cidade não apenas vive múltiplas histórias, mas é também reconstruída e resignificada no plano imaginário pelas muitas histórias que são tecidas sobre ela. Assim, a cidade tanto elabora as histórias como as histórias elaboram as cidades. Esta é a história de uma Capital que deixou de ser provinciana para modernizar-se através do desenvolvimento urbano, redefinindo seus espaços e funcionalidades. A partir do que se vê hoje, é possível buscar no passado o entendimento sobre a formação desta imagem de cidade em suas trajetórias no tempo. Ao caminhar na historiografia constato como pesquisadora, a possibilidade de conhecer os muitos momentos de lutas e conquistas que envolveram o desenvolvimento urbano e arquitetônico de Florianópolis.

Um destes momentos constitui o objeto de pesquisa dessa dissertação; todo esse retorno ao passado fez-se necessário para ilustrar o motivo que levou a separação da Ponta do Coral da cidade. Lembrando que, tudo que é construído em uma determinada sociedade, de uma determinada época, tem as características do modo de pensar dessa época, conforme as coisas evoluem e se transformam, novos pensamentos estão chegando, ocupando novos lugares, com novas características e novos valores, demonstrando que mortes acontecem e que estes lugares são irrecuperáveis. Portanto, existem lugares que com o passar do tempo se descaracterizam, e temos que saber o que fazer com eles³². Ter a devida atenção para que nestes espaços, como é o caso da Ilha de Santa Catarina, não aconteça o que Michel de Certeau (1999, p.169), chama de “ondas de verticais”, pois parece que é isso que vemos ao passar na Beira Mar Norte; existe ali um paredão de concreto que separa a cidade do mar e que é o responsável pela inutilização desse mar. Mais uma vez é a imagem do progresso que se apresenta, onde todos os espaços “tem que” ser preenchidos com “concreto, aço e vidro” (Idem, p.70).

Essa ideia se concretiza a partir da década de 1970, isso porque segundo Maria Conceição Coppete (2003, p.53), houve um aumento significativo da população da Ilha a partir da década de 1960. “Foi nesta década que Florianópolis começou a crescer mais rapidamente. A

³² Refiro-se aqui aos lugares dentro da cidade que ainda podem ser usados pela comunidade ou que podem ser revertidos em espaços de lazer e descanso em meio ao concreto. Penso que podemos prestar mais atenção nos espaços que “sobram”, não deixar que a especulação imobiliária ocupe cada centímetro da cidade com amontoados de concreto.

fundação da UFSC, as instalações da ELETROSUL, da CELESC e da TELESC representaram possibilidades de emprego para muitas pessoas nos mais variados setores”. O setor imobiliário providenciou as acomodações apropriadas através de muitas construções sem a devida prevenção. Neste sentido, o terreno da Ponta do Coral também passou a ser alvo deste setor.

2.2 O DESTINO DA PONTA DO CORAL

O fim da década de 1970 e início da década de 1980 foi bastante movimentado, tanto para o desenvolvimento urbano da cidade de Florianópolis, quanto para o destino da Ponta do Coral.

Em 19/11/1979, já no Governo de Jorge Konder Bonhausen (1979/1982), a área da Ponta do Coral passou a integrar o patrimônio da FUCABEM, conforme doação do terreno pelo Governo do Estado. Em 30/11/1979, a FUCABEM obteve financiamento na Caixa Econômica Federal para a construção, em Palhoça, do Centro Educacional Dom Jaime de Barros Câmara, inaugurado em 1982. O Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina S. A. - BADESC foi avalista de 132 milhões de cruzeiros (BHPC, 2002, p.19).

Em 12/03/1980, a FUCABEM deu o prédio do Abrigo de Menores (Educandário XV de Novembro) bem como, outros prédios em São José e Palhoça como contragarantia de fiança e hipoteca ao BADESC. Em 30/03/1980 um incêndio destruiu parte do Educandário 25 de Novembro (antigo Abrigo de Menores no Bairro Agrônômica). Foi instaurado inquérito policial para saber se o incêndio havia ou não sido criminoso (Idem, p.19). Sem encontrar culpados, o processo foi arquivado.

Portanto, a década de 1980 foi um período bastante movimentado para a cidade. A população já politizada e vivendo um final de ditadura passa a questionar o progresso em prol da modernização. A cidade absorvia os efeitos da reformulação que ampliou seu sistema viário e de transportes coletivos. Tudo se transforma e os indícios mais evidentes expressos na arquitetura³³ e no espaço urbano³⁴, já estão marcados em

³³ Arquitetura é tudo o que concerne à construção, e é com as técnicas da construção que se intui e se organiza em seu ser e em seu devir a entidade social e política que é a cidade. (ARGAN, 1998, p.243).

sua paisagem, a ocupação de todos os “vazios”, o avanço sobre o mar e as encostas, a construção de grandes obras de infra-estrutura e transportes, enfim, a valorização dos terrenos na área central cresce e a verticalização das edificações dá-se rapidamente, substituindo os antigos sobrados e as chácaras; o que era cidade torna-se centro.

A importância do assunto não se dá somente pelo valor estético ou evocativo, mas, principalmente, pelo sentido sócio-cultural que ele encerra, na medida em que o entendimento dos espaços históricos da cidade favorece a sua preservação, garantindo um testemunho vivo do seu passado.

Essa valorização dos espaços faz com que a especulação imobiliária passe a conduzir as questões dentro de um discurso de progresso e modernização. Nesse sentido o terreno da Ponta do Coral é alvo, trazendo preocupações para a sociedade em geral. Principalmente a um grupo de estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina que na década de 1980 defende ferrenhamente o espaço da Ponta do Coral como espaço livre de lazer.

Quando ocorre o incêndio que destruiu o Abrigo de Menores e é acelerada a construção do seu substituto em Palhoça, sai a autorização de venda da área da Ponta do Coral em 20/07/1980, pelo Governo do Estado (Idem, p.20). Área que não poderia ter sido vendida por ser terreno de marinha.

A área da Ponta do Coral foi vendida para a empresa Carbonífera Metropolitana, que comprou da FUCABEM, em 16 de dezembro de 1980, por meio de concorrência pública em que participaram outros três concorrentes: Kobrasol Empreendimentos Imobiliários S.A, Iate Clube de Florianópolis e Sociedade Nacional de Construções Ltda (SNAC). A Carbonífera Metropolitana ofereceu o melhor preço e foi vencedora (BHPC,2000, p.23).

Em 1981 a imprensa registrou a tentativa de ocupação da área pelo novo dono, Sr. Realdo Guglielmi, dono da Carbonífera Metropolitana, o que resultou novamente em protestos da comunidade³⁵. O descaso com o desaparecimento de áreas verdes em Florianópolis é matéria na imprensa local.

³⁴ Espaço urbano é o espaço visual, preenchido, onde se desenvolve o sistema, onde há referências, é a forma da cidade. (ARGAN, 1998, p.230 a 235).

³⁵ Jornal O Estado, Florianópolis, 25 março 1983. p.12.

[...] HOTEL E SUPERMERCADO DECRETAM O FIM DE DUAS ÁREAS VERDES”, a cidade ontem perdeu duas áreas verdes. A Ponta do Coral, que dará lugar a um novo hotel, e outra fica na rua Esteves Júnior onde será construído um supermercado [...]³⁶

A citação refere-se ao Supermercado Angeloni construído na esquina da rua Esteves Junior com a Avenida Rio Branco, causando muita insatisfação. Diante de vários protestos e vendo a inviabilidade da intenção de construir um hotel no local, o empresário Realdo Guglielmi se propõe a vender novamente a Ponta do Coral.

[...] a Ponta do Coral está à venda e os interessados podem desde já procurar pelo empresário Realdo Guglielmi, que pretende realizar a transação do imóvel por valor aproximado a Cr\$ 600 milhões. A informação é do próprio empresário que revelou a O ESTADO ter desistido do antigo projeto de construção de um hotel de cinco estrelas, ao qual seriam agregadas áreas de compra e lazer, depois de verificar a onda de protestos, tanto popular como da área política: “cheguei a conclusão que não seria interessante construir uma obra cara, apesar dos 400 empregos diretos que criaria, depois que senti a oposição ao empreendimento, tanto por parte da população da Ilha como de políticos do Governo e do PMDB”, declarou Guglielmi, que há cerca de dois anos pagou a pitoresca soma de Cr\$ 99 milhões e 999 mil pela área conhecida como Ponta do Coral [...]³⁷

Em 17 de novembro de 1980, apesar de todos os protestos e manifestações, a Ponta do Coral foi vendida. E, segundo os estudos feitos pelo (na época) vereador Mauro Passos,

³⁶ Jornal O Estado, Florianópolis, 13 novembro 1981. p.18.

³⁷ Jornal O Estado, Florianópolis, 25 março 1983. p.15.

[...] o zoneamento era Área Verde e Equipamentos (Lei Municipal nº 1440/76) com uso público consagrado e sem qualquer residência próxima, portanto, a área era estatal, poderia e deveria ser da população. Na época, Jorge K. Bornhausen era Governador do Estado, Francisco de Assis Cordeiro, Prefeito, e Esperidião Amin, secretário de Obras do Município de Florianópolis [...]³⁸

Muitos foram contrários a esta decisão. A Fundação Catarinense de Cultura, através da Unidade de Patrimônio Cultural, constatando a perda da identidade cultural dos centros urbanos devido a sua descaracterização, desenvolveu um projeto visando efetuar um levantamento dos pontos de interesse histórico cultural da Ilha de Santa Catarina. Para uma das participantes do projeto, Maria Isabel Kanan, a Ponta do Coral deveria ser utilizada como área de lazer.³⁹

Em meio a intenções progressistas e protestos preservacionistas, o saldo da década de 1980 estampa uma população politizada⁴⁰ que se define em momentos importantes. A modernidade traz escolhas que permitem caminhos daquilo que se quer para si. Saber que paisagens você quer ter para olhar, que tipo de chão você quer ter para pisar e que tipo de ar você quer ter para respirar. O moderno também traz consciência, valores e as sensações de perda muitas vezes assustam e obrigam parar para pensar. Barcelos (2008, p.23), diz que “temos que parar para que possamos nos dar tempo e espaço para transformar aquilo que nos acontece em algo significativo em nosso viver”. Considerando a década de 1980 se por um lado a modernização e o progresso foram inevitáveis, por outro, despertou a consciência de modos e maneiras de como fazer.

Em 1985 o empresário Realdo Guglielmi apresentou um projeto de construção, na Ponta do Coral, de um hotel cinco estrelas com marina⁴¹, que foi vetado pela FATMA e Companhia dos Portos por prever um aterro, considerado irregular.⁴² Neste mesmo ano a Ponta do

³⁸ Entrevista com Mauro Passos concedida à pesquisadora em 12/10/2002. Acervo da pesquisadora.

³⁹ Jornal O Estado, Florianópolis, 19 novembro 1980, p.19.

⁴⁰ Uso o termo politizada no sentido de ser uma população que toma posição definida na hora de decisões importantes que envolvem a sua comunidade, seu condomínio, enfim, seus direitos e deveres.

⁴¹ Cais ou doca a beira-mar provido de instalações para guarda e manutenção de embarcações de lazer e esporte náutico. Conf. Dicionário HOUAISS da língua portuguesa. Ed. Objetiva, p.1854.

⁴² Jornal ANCapital, Florianópolis, 07 outubro 1998, p.05.

Sambaqui foi tombada (SOARES, 1994, p.19), como patrimônio natural, paisagístico e histórico do município de Florianópolis, após grande empenho da comunidade do Sambaqui a qual reivindicou durante vários anos a preservação da área e sua destinação para uso público.

Durante a administração do prefeito Edison Andrino (1986-1988), arquitetos e especialistas em patrimônio histórico fizeram um levantamento das áreas que deviam ser tombadas, incluindo oito áreas de preservação no centro da cidade, mais de 300 imóveis, um dos maiores tombamentos verificados no Brasil. Sem esses tombamentos no centro urbano, não teria restado nenhum casarão ou exemplo arquitetônico do passado. Foi um processo complicado e altamente conflitivo, em que ocorreram inúmeras pressões no sentido de liberar a destruição desses prédios (CECA, 1996, p.189).



Figura 12: Paisagem da Ponta do Coral antes da destruição total na década de 1990, nessa época a Ponta do Coral tinha corpo e rosto, ainda havia uma identificação. Foto: Fabiana Cormelato.

Acima uma fotografia das Ruínas da Ponta do Coral, local que não teve a mesma sorte, estava na lista para ser analisado, mas não se decidiu pelo tombamento. Em 1989, a Câmara Municipal de Florianópolis, aprova a Lei Municipal nº 3213 de 12/07/89, que novamente modifica o zoneamento da Ponta do Coral passando do

gabarito anterior permitido de 04 para 06 pavimentos para serviços e comércio e mantendo ainda o incentivo de 18 pavimentos para hotel. (BHPC, 2002, p.27).

Em 1997, a Câmara Municipal de Florianópolis começa a examinar o Projeto de Lei nº 7335/97 de autoria do Vereador Michel Curi, que inicialmente propunha a extensão do benefício de gabarito de 18 pavimentos concedido aos hotéis, para empreendimentos previstos para múltiplo uso em todas as Áreas Mistas de Comércio (AMC) do Centro de Florianópolis. Após sofrer emendas e críticas reduziu as áreas da alteração proposta a duas Áreas de Incentivo à Hotelaria (AIH) existentes no centro da cidade, a Ponta do Coral, na Beira Mar e a Ponta do Ataliba em no Bairro Coqueiros (Idem, p.27). Em 1998 a proposta de alteração da legislação de incentivo à hotelaria coincide com a demolição das ruínas do que restava do edifício da Standard Oil na Ponta do Coral.

A legislação em vigor, lamentavelmente, já permite a construção de edificações com duas torres de 18 pavimentos nestes dois locais (Ponta do Coral e Ponta do Ataliba), desde que sejam utilizados como hotel. Não satisfeitos com esse incentivo, vários vereadores assinaram o projeto de lei propondo que uma destas torres de 18 pavimentos fosse de múltiplo uso, serviços, comércio e hotel, com possibilidade de implantação de escritórios, cursos e comércio em geral. Seria gerado um fluxo de veículos semelhante ao do Shopping Beira Mar Norte, o que no caso da Ponta do Coral, é totalmente inadequado e absolutamente incoerente com o planejamento da cidade. Permitir o surgimento de outro grande polo gerador de tráfego, além do referido Shopping, que já causa grandes congestionamentos, é uma absoluta falta de coerência e um desrespeito com a população. Os vultosos recursos gastos atualmente no sistema viário (elevado do CIC e SC-401) visam justamente facilitar o tráfego de veículos para o centro e para o norte da Ilha. (Idem, p.28)

Em 08 de setembro de 1998, foi aprovada em primeira votação o Projeto de Lei 7535/97 do Vereador Michel Curi, que permite estender o incentivo de gabarito de 18 pavimentos não só para hotel, mas para comércio e serviços. Em 06 de outubro de 1998, o empresário Realdo Guglielmi determina o início da demolição do antigo (78 anos) prédio da standard Oil Company of Brazil, localizado na Ponta do Coral. Após consultar o IPUF, recebeu como resposta que “a construção, que está no local desde a década de 40, não é tombada como patrimônio histórico e poderia ser destruída.” (Idem p.28)

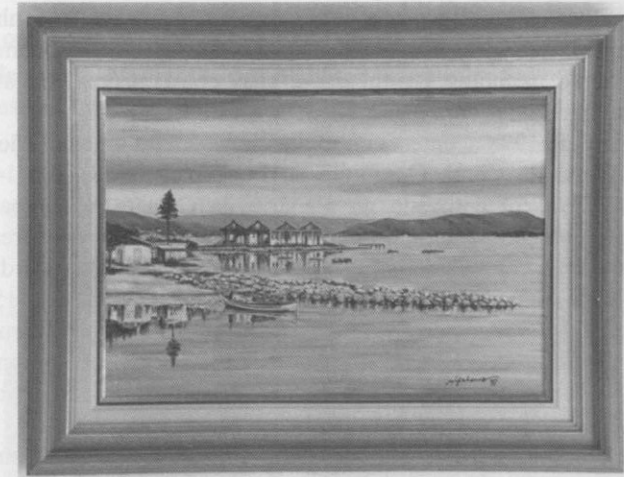


Figura 13: Quadro do artista plástico catarinense Cipriano-1998.

A figura 13 tem uma história direta com as demolições ocasionadas naquela época. Este quadro foi responsável pela decisão final de demolição da área da Ponta do Coral, isso porque em 1998 as discussões estavam calorosas para essas questões de tombamento. Foi nessa ocasião que o artista plástico Cipriano, que até hoje reside em Florianópolis, organizou uma exposição no Shopping Beira-Mar com todos os seus quadros para que alunos, professores e comunidade em geral pudessem conhecer alguns monumentos já destruídos. Nesse sentido as visitas foram intensas à exposição fazendo a comunidade voltar a questionar, por que não poderia fazer da Ponta do Coral um parque? No mesmo ano e mês as edificações que ainda restavam no local foram totalmente destruídas.

O senhor Cipriano⁴³ conta que uma aluna da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) juntamente com a Profª Drª Rosangela Cherem enquanto olhava os seus quadros virou-se para ele e disse, “esta é uma Florianópolis que eu não conheci”.

Dessa forma compreendo a importância da preservação cultural e ambiental da cidade. A arquiteta Eliane Veras da Veiga em seu livro Florianópolis: memória urbana se refere aos adágios preservacionistas,

⁴³ Entrevista com o artista plástico catarinense Cipriano concedida à pesquisadora em 05/10/2002. Acervo da pesquisadora.

dizendo que “só se protege o que se ama; só se ama o que se conhece. Na medida em que estas transformações passam a ser continuamente avaliadas, serão melhores assimiladas e suas consequências negativas evitadas ou diminuídas com maior eficácia” (VEIGA, op.cit. p.18).

No ano de 1998 aconteceram muitas lutas contra a demolição das ruínas da Ponta do Coral. Conforme BHPC (op.cit. p.28), em 14 de outubro de 1998 foi aprovado no plenário da Câmara Municipal de Florianópolis, Moção de Repúdio nº 031/98, encaminhada pelo vereador Mauro Passos/PT, contra a demolição das ruínas do prédio Standard Oil, ainda existentes na Ponta do Coral, na Beira Mar Norte. Em 15 de outubro de 1998, o Vereador Mauro Passos/PT, denuncia a destruição das ruínas da Ponta do Coral ao Ministério Público Estadual (Promotor Dr. Antônio Carlos Brasil Pinto) que embarga a demolição objetivando verificar o real valor histórico/paisagístico/natural do local.

Este momento está retratado a seguir na figura 14, onde mostra as ruínas antes da demolição. No detalhe a descontração dos meninos que aproveitavam a praia e a exuberante área verde envolta por centenas de eucaliptos.



Figura 14: Fotografia de Fabiana Cormelato, em 1993.
Acervo Fabiana Cormelato.

A polícia ambiental, ao cumprir a diligência no dia 16 de outubro de 1998 (sexta-feira), não chega a tempo e o que restava de edificação foi demolida. Na figura 15 o início da demolição, momento crítico para as pessoas que lutaram pela preservação.



Figura 15: Foto (na época) do vereador Mauro Passos – 14/09/1998.

Em 20 de outubro de 1998, terça-feira, apesar do embargo, a demolição continuou nos dois muros que haviam sobrado. Por solicitação do promotor de Justiça, Antônio Carlos Brasil Pinto, a Polícia Ambiental deu voz de prisão aos funcionários que desrespeitaram o embargo (sobra sempre para o lado mais fraco, essas pessoas certamente estavam a mando de alguém), restando ainda no local um dos muros e parte do outro, com um pedaço do portal original (BHPC, op.cit. p.28), representados nas figuras 16 e 17 respectivamente.

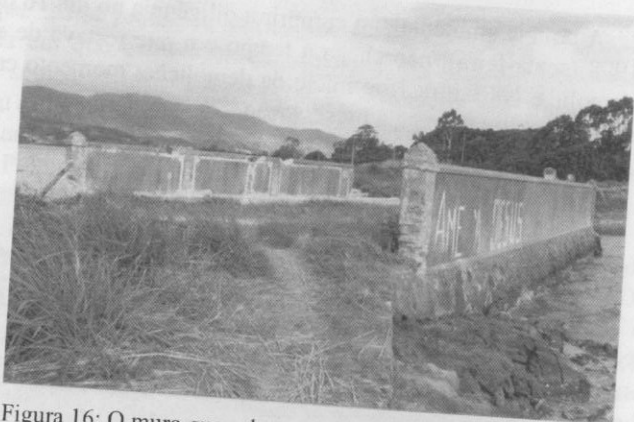


Figura 16: O muro que sobrou após a primeira etapa da demolição – 1998. Acervo Mauro Passos.



Figura 17: Portal que sobrou após o início da demolição – 1998. Acervo Mauro Passos

A paisagem natural da Ilha de Santa Catarina sempre foi reverenciada por todos que por ela passam, desde os primeiros navegadores até o turista dos dias atuais, por isso, a implantação de infra-estrutura turística deve ocorrer com o cuidado de não se destruir aquilo que atrai o turista, nem tampouco destruir a qualidade de vida daqueles que moram ou trabalham no lugar.

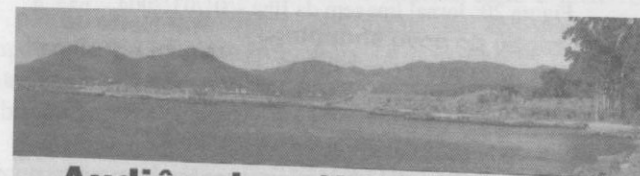
A imprensa local sempre esteve presente nas discussões sobre o destino da Ponta do Coral. Qualquer negociação feita pelas autoridades era repassada pela imprensa para a população. Abaixo o jornal Imagem da Ilha avisa que audiência pública da Ponta do Coral foi adiada.



Audiência pública da Ponta do Coral é adiada

Figura 18 - Jornal Imagem da Ilha – 24/02/2004 – pág. 8.

O mesmo jornal no mês seguinte torna a avisar sobre audiência pública, e instiga o povo a conhecer os planos da prefeitura para a área que naquele momento ainda eram desconhecidos. (figura 19).



Audiência pública debate futuro da Ponta do Coral

Projeto que transforma local em área verde de lazer tramita desde 2000. Planos da Prefeitura ainda são desconhecidos

Figura 19: Jornal Imagem da Ilha – 01/03/2004 - pág. 4

Na sequência, o jornal informa todo histórico sobre a Ponta do Coral, para que a população que estava lendo sobre o assunto pela primeira vez entendesse o que se passava e porque a luta pela preservação acontecia. Os relatos e informações consistiam em uma cronologia para melhor entendimento dos fatos, desenvolvendo seu texto no período entre 1929 e 2004. Desde o momento da construção dos depósitos de combustíveis no terreno até a audiência pública realizada em 2004 para decidir o destino da Ponta do Coral.

Entendendo a história da Ponta do Coral

1929 – Planta da SUSP mostra os planos para o local: um depósito de combustíveis da empresa Standard Oil.

1930 – Construção do depósito.
1938 – A Prefeitura, por segurança, decide paralisar as atividades do depósito porque ele se localizava no perímetro urbano, numa região de grande circulação de pessoas.

1940 – Próximo à Ponta do Coral é inaugurado o abrigo de menores de Florianópolis.

1960 – O Governo do Estado compra a área. O prédio, um dia usado para armazenar gasolina, passa a ser utilizado como lavanderia do abrigo. Relatos indicam que já nessa época a área era utilizada como espaço de lazer, uma extensão aos locais de pesca.

1978 – Nesse ano, acontece a construção da Avenida Beira-Mar Norte, separando geograficamente a Ponta do Coral do abrigo de menores.

17/11/1980 – A Ponta do Coral é vendida para a Empresa Carbonífera

Metropolitana, localizada em Criciúma. O local passa a ser propriedade privada da família Guglielmi.

1998 – O prédio erguido no local na década de 30 é demolido. O objetivo, supostamente, é a construção de um hotel, dado não confirmado pela SUSP, que informa que até o momento não existe sob o seu poder nenhum projeto com essa finalidade.

2000 – O então vereador Mauro Passos (PT) propõe alteração do plano diretor, transformando a Ponta do Coral em área verde de lazer.

24/03/2003 – O vereador Jaime Tonello (PFL) envia ofício à prefeita, solicitando que ela se manifeste quanto ao interesse do município na área.

14/04/2003 – O presidente da Câmara de Vereadores, Marçílio Ávila (PP), envia novo ofício à prefeitora, buscando um posicionamento sobre a Ponta do Coral.

30/03/2004 – Data para a qual está marcada uma audiência pública, que irá decidir os rumos da Ponta do Coral.

Figura 20: Jornal Imagem da Ilha – 01/03/2004 - pág. 4

Vários foram os jornais com publicações sobre as ruínas da Ponta do Coral, as edições aconteceram com frequência a partir de 1998 quando as demolições começaram.

A figura 21 traz o jornal, A Notícia, que também entra no debate com a manchete “Ponta do Coral, um equívoco na história”, comentando que, “pouco restou da Ponta do Coral como os antigos moradores do bairro da Agrônômica a conheceram, há algumas décadas.” A reportagem foi feita na época por Ana Claudia Menezes, continua dizendo que, “hoje (data da reportagem), uma placa anuncia

que é proibida a entrada na área que já foi frequentada pela comunidade, que costumava passar os finais de semana tomando banho nas águas limpas da Baía Norte.”



Figura 21: Jornal A Notícia – 11/03/2001 – pág. 3.

Essa mesma reportagem estampa em letras garrafais a seguinte manchete, “área que até 1998 abrigava ruínas da Standard Oil Company tem potencial para transformar-se num dos mais privilegiados pontos de lazer do centro da cidade.” A reportagem lamenta dizendo que o processo de demolição iniciado em 1998 é o patrimônio histórico e cultural perdido.

A Ponta do Coral era um local conhecido pela beleza natural e pela praia que atraía pessoas de vários locais. Os antigos moradores não esquecem e não se conformam com o destino dado a área verde que fazia parte das programações dos finais de semana das famílias principalmente do bairro Agrônômica. Até mesmo os moradores mais recentes do bairro lembram-se da Ponta do Coral como um lugar de “sombra gostosa”.

Abaixo, na figura 22, estão os moradores entrevistados com seus relatos saudosos e lembranças do local. Relataram que as pessoas iam ler, aproveitavam a tranquilidade e muitos passaram a infância brincando na Ponta do Coral, perto dos espinheiros, eucaliptos e aroeiras.



MEMÓRIA À esquerda, Cristiane da Silva Lopes (E), Jucemara da Silva Lopes e Osvaldo Ramos: população lembra dos tempos em que terreno era aberto; o pescador Hélio Miguel Viera (D) tira sustento do mar em torno da área

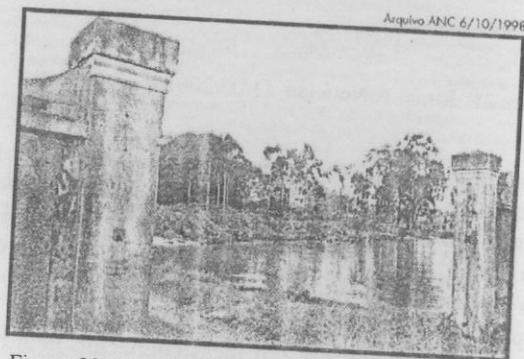


Figura 22: Jornal A Notícia – 11/03/2001 – pág. 3.

Esse portal que aparece na segunda foto do jornal A Notícia, era a entrada que dava acesso ao casarão. Ainda dentro dessa mesma reportagem com o título “população vive lembranças”, o Jornal fala que apesar das descaracterizações que sofreu ao longo das últimas décadas, a Ponta do Coral ainda faz parte da memória dos moradores, alguns deles ainda conseguem tirar o sustento da família do local, é o caso de 11 pescadores que formam a APPC (Associação dos Pescadores da Ponta do Coral), fundada em novembro de 1998. Um deles diz que “aqui tem vida biológica riquíssima, encontramos todo tipo de crustáceo, a fauna e a flora são muito ricas, apesar da poluição, a baía (norte) ainda sobrevive”. (Jornal A Notícia – 11/03/2001, p.3).

2.3 AS DESAPROPRIAÇÕES

O fato da terça parte do traçado da Via de Contorno Norte-Ilha situar-se sobre aterramento em áreas de marinha e, ainda, em áreas do Mangue do Itacorubi, reduziu bastante os custos de desapropriação. No total foi desapropriada área de 244.657,62 m², sendo que 64% desta área pertencia ao setor estatal. E, dentre as terras desapropriadas do setor privado, foram as Irmãs da Sociedade da Divina Providência com 20% de desapropriação (SUGAI, op.cit. p.162). Sobrando 16% de propriedades particulares desapropriadas, sendo interessante a observação de que a propriedade existente na Ponta do Coral não foi desapropriada.

No resolutivo processo de construção da Via de Contorno Norte-Ilha, apesar das evidências de que o objetivo primordial desta Via era melhorar a acessibilidade para o norte e o leste da Ilha, os discursos oficiais procuravam justificar a prioridade à execução da Via de Contorno Norte pela necessidade de facilitar o acesso ao campus universitário (Idem, p.165). Lembrando que segundo o Estudo de Tráfego, para melhorar a acessibilidade entre o centro da cidade e o campus universitário deveria ocorrer, prioritariamente, a implantação da derivação da Via Expressa sul e não a da Via de Contorno Norte (Idem, p.166).

O Estado, ao mesmo tempo em que priorizou a construção da Via de Contorno Norte e deu início à sua execução, intensificou a transferência das instituições e empresas estatais para a região situada nas adjacências da Trindade (Idem, p.205). Essa atitude facilitou a comercialização e valorização da área, atraindo investimentos e diversificando as atividades comerciais e de serviços.

As transformações urbanas decorrentes dos investimentos viários significam, fundamentalmente, a solidificação das áreas da Beira-Mar Norte e do balneário norte como áreas residenciais e de lazer do setor hegemônico das elites (SUGAI, op.cit. p.206).

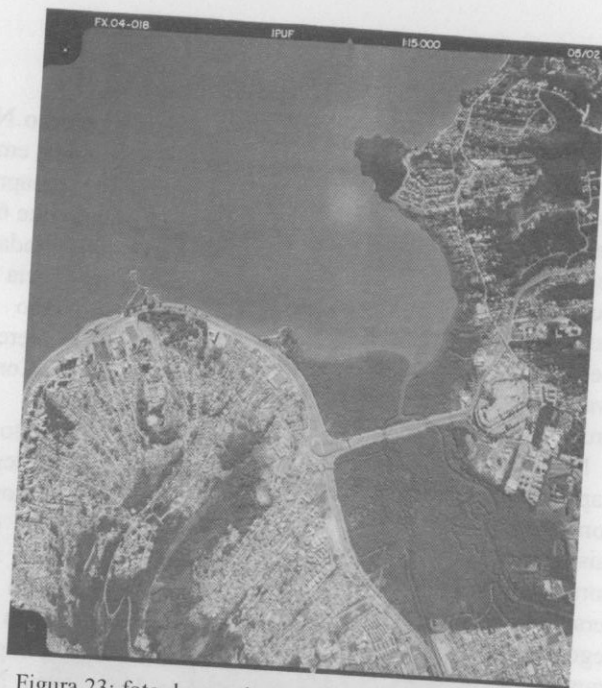


Figura 23: foto do ano de 2002, o contorno da Avenida Beira Mar com seu contorno já acabado, e a Ponta do Coral sem situação definida.

Ao analisar a figura 23, perceber-se o quanto Florianópolis cresceu e se transformou. Os espaços verdes foram tomados pela construção de belos edifícios para demonstrar os sinais de progresso e modernização. A Avenida Beira Mar Norte estampa de ponta a ponta, um paredão de prédios, identificando a chamada selva de pedra.

Isto é modernização, progresso ou desenvolvimento? Estes são conceitos a serem revistos e/ou resignificados. Ótimos hotéis, resort de luxo, grandes Shopping Center, vultosos projetos arquitetônicos e viários, são encontrados em vários lugares do mundo. Precisamos talvez repensar os atributos históricos, ver o que exatamente determinado lugar tem de diferente e interessante para se conhecer, repensar os valores impostos pela modernidade. O moderno traz conforto e comodidade, mas também é momentista. Seria prudente desenvolver e modernizar, não só pensando no momento, mas também no amanhã. Desejamos, portanto, que o destino da Ponta do Coral seja revisto e repensado,

talvez até resignificado, para que aquela bela paisagem natural no centro da cidade torne-se um parque de lazer e não um hotel.

Temos que estar cientes que as criações do urbanismo estão em toda parte, assim que aparecem contestadas e questionadas. Devemos como sociedade procurar a significação em si dos fatos, colocar em evidência as razões dos erros cometidos, a raiz das incertezas e das dúvidas levantadas hoje por qualquer nova proposta de planejamento urbano (CHOAY, 1979, p.1).

O que podemos perceber ao longo deste capítulo é que enquanto sociedade, precisamos estar atentos ao desenvolvimento urbano de nossas cidades, somos humanos e devemos nos portar como tal; a ideia de respeito com o meio ambiente deve ser construída coletivamente, temos capacidade de criação e podemos pensar formas de trabalho em Educação Ambiental. Todos esses elementos nos ajudam a compreender que a preservação ambiental deve ser entendida como sinal da presença humana, somos capazes de preservar nossa cultura e entender que a natureza é mais um ser vivo junto com os humanos, não existe maior ou menor importância, humanos e natureza precisam coexistir.

É no envolvimento dessas questões que através da arte, um grupo de estudantes se manifesta pela preservação do terreno da Ponta do Coral. O terceiro capítulo, que será apresentado a seguir, traz a história dessas pessoas que comprometidas com a preservação ambiental, desenvolvem projetos onde mudanças e transformações são consideradas necessárias no processo de reflexão e conscientização para conservação do meio ambiente. A luta dos estudantes demonstra a importância da educação e suas contribuições nas ações ecologicamente corretas, isto é, desperta a reflexão sobre o meio ambiente através de comprometimento e da ação política que só se constrói numa sociedade com cidadãos críticos e questionadores. Essa turma de estudantes procurou fazer da Ponta do Coral o que Copette (2003, p. 186) chama de "um lugar para viver, um lugar para construir e um lugar para ser".

CAPÍTULO III

3 AS REIVINDICAÇÕES PRESERVACIONISTAS

[...] é nesse espaço dialético entre o já e o ainda não que a vida se processa, que o novo se gesta. Por isso, é preciso superar a ansiedade de que toda mudança ocorra já, de uma vez, e rompa a passiva expectativa por outras estruturas ainda não existentes. É preciso nos deixar fecundar pela utopia de que estão grávidas tantas pequenas experiências do dia-a-dia para conseguirmos parir, historicamente, o homem Novo [...]
Reinaldo Matias Fleuri (2001, p.36)

O presente capítulo tem por finalidade relacionar as reivindicações pela preservação da Ponta do Coral com a forte crença na transformação do homem. Para tanto, foi utilizada a referida epígrafe, que expressa a ruptura com a expectativa por estruturas ainda não existentes, e repassa essa crença para a ação humana hoje, acreditando em nós como seres transformadores, pois não precisamos esperar por ninguém ou por nenhum órgão público ou particular diante do que podemos fazer hoje. Paulo Freire (1996, p.76) evidencia o presente como momento de ação quando diz que, “o mundo não é, o mundo está sendo”, a transformação vai existir a partir de nós enquanto sujeitos do processo.

É nesse sentido que em 1980 uma turma do curso de Arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina liderada pelo professor Eduardo Castells⁴⁴ que ministrava na época a disciplina de Plásticas, organizou um movimento social pautado no companheirismo e na determinação. Segundo Fleuri, é definido como movimento social,

[...] pessoas que se identificam coletivamente e constroem como objetivo um projeto de sociedade e de cidadania que vai além do particularismo, para amadurecer uma identidade a partir da simbiose entre múltiplos sujeitos em processos de

⁴⁴ Professor da UFSC do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Eduardo Jorge Felix Castells. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 18/05/2010.

integração, com desafio de compreender, valorizar e modificar as diferentes condições apresentadas e não accitas pelo grupo, com finalidade de construir estratégias para superá-las de modo justo e construtivo na formação de novos olhares e na elaboração de novas estratégias de ação no contexto vivido, através de protestos e reivindicações [...] (FLEURI, 1998, pp.46 a 49)

É importante lembrar que as reivindicações, os protestos são ações carregadas de desejos e esperanças; tais ações não condiziam com a realidade vivida pelo país naquela época, isso porque o Brasil estava em plena ditadura militar. Esse período da nossa História deu-se de 1964 a 1985, o país viveu e conviveu com a vergonha da repressão, o fim da liberdade de expressão e de imprensa, períodos de Estado de Sítio e bárbaras torturas aos que por algum motivo não concordavam com o sistema de governo vigente.

É neste clima que ocorrem as manifestações da Turma de Arquitetura do segundo semestre do ano de 1984 (período 1984/2), pela preservação da Ponta do Coral. Segundo o professor Eduardo Castells (citado acima), nos anos de 1979 e 1980 o país vivia momentos decisivos para o fim da ditadura militar, havia muitos descontentamentos por parte do povo, que resultou em gigantescas manifestações populares. O professor viu aí um material didático precioso e passou a acompanhar as discussões sobre o destino da Ponta do Coral com objetivo pedagógico também. Seria importante alertar aos alunos sobre o que estava acontecendo com o terreno da Ponta do Coral. Então, aproveitou o momento para propor ao departamento de arquitetura da Universidade que sua disciplina não fosse dada apenas como disciplina de comunicação visual, e sim como um treinamento ou uma incorporação de conhecimento na área, foram conectadas as problemáticas enfrentadas pela Ponta do Coral a uma proposta de prática para trabalhar com seus alunos. Diante do proposto passou a acompanhar mais de perto as discussões sobre o assunto. Essa é a base que constitui a narrativa do presente texto. É para contar essa história que escrevo o terceiro capítulo.

3.1 ARQUITETOS DO MUNDO: PROTAGONISTAS DA AÇÃO

É num período fortalecido por questões ideológicas herdadas dos momentos de luta pela liberdade de expressão e negados pelos anos de ditadura, que a população da cidade de Florianópolis estaria perdendo uma área verde de lazer. No ano de 1980 um grupo de jovens do curso de Arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina, juntamente com ecologistas, imprensa escrita, falada e televisiva, políticos e estudantes de escolas públicas e particulares se unem para protestar contra a venda da área da Ponta do Coral à empresa privada.

Para contar essa história foram entrevistados quatro alunos e um professor que participaram como protagonistas deste movimento, pessoas que hoje possuem uma vida estável e bem estruturada, mas que ainda carregam consigo o desejo de um mundo melhor. Todos eles hoje exercem a profissão de arquiteto que nas entrevistas me deixaram claro o sentimento de "arquitetos do mundo", pois são pessoas que ainda lutam por direitos, envolvem-se com suas comunidades, com seus condomínios, com o canteiro da rua, com as árvores que ainda devem ser plantadas e reivindicam a participação popular nas decisões políticas. Eles não desenvolveram apenas um trabalho macro, eles se formaram e desenvolvem até hoje o trabalho micro, aquele do dia a dia, plantam ações todos os dias, mas não sabem se a semente vai germinar, vivem com a consciência de que estão fazendo a sua parte na qualidade de cidadão do planeta.

As entrevistas foram muito interessantes, pois enquanto eles falavam eu olhava tudo em volta, observava cada detalhe, já sabia a história da Ponta do Coral, a parte histórica e a parte política, e também já havia lido a respeito do movimento de 1980, mas nunca tinha conversado em forma de entrevista, isto é, parar, ouvir, sentir, observar, enfim, foram momentos de tranquilidade, onde tive a possibilidade de olhar o entrevistado enquanto falava, sentir suas lembranças e suas saudades, as risadas espontâneas ao lembrar dos colegas e das peripécias em plena ditadura militar que eles enfrentaram juntos. As entrevistas tiveram uma característica comum no sentido do ambiente, embora eles (os entrevistados) se distanciaram por motivos profissionais, há uma grande semelhança no modo de viver, nos valores éticos e morais e na defesa e respeito pela natureza. Todos moram em casas que possibilitam o contato com a natureza, muito verde ao redor, animais como gatos, cachorros, passarinhos, peixes, tartarugas, enfim, passaram-me a

impressão de viver em harmonia com a natureza, como se fosse algo já internalizado em cada um deles.

3.2 A TURMA PONTA DO CORAL

Escrever sobre a turma que citei acima implica trazer um conceito-chave para esta discussão. Refiro-me à memória que segundo Bosi,

[...] é a permissão da relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca", estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência [...] (BOSI, 1979, p. 9).

A memória nos ajuda a compreender que através das lembranças as situações podem despertar sensações de se estar vivendo novamente determinado acontecimento. A porta de entrada da história do movimento de 1980 é a lembrança ativada através da memória. No caso das entrevistas "o lembrar" foi de suma importância, porque segundo Halbwachs (1990, p.32) "esquecer um período da vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam"; é somente através da memória que podemos entrar em contato com o processo cultural vivido por esses estudantes. Neste sentido sinto-me honrada, pois não há bibliografia sobre o movimento de 1980, não há nada escrito sobre esses estudantes e suas ações ecológicas e políticas, mas essa luta pela preservação do terreno da Ponta do Coral está viva, na memória da cidade. Trinta anos se passaram e durante esse período cada vez que a ameaça de construções se produz no terreno da Ponta do Coral, a memória sempre é ativada, seja através da imprensa, órgãos de fiscalização, ministério público ou dos próprios ecologistas atentos a situação.

Neste sentido, e por se tratar de uma pesquisa do tipo qualitativa, foram usadas como instrumento as entrevistas semi-estruturadas, as quais foram feitas com quatro alunos que participaram do processo, a saber: Almir Francisco Reis, Clerson Larroyd e Robinson Alves, pois foram indicados pela primeira entrevistada, a aluna Marisa Fonseca, que

foi citada inúmeras vezes no relatório sobre a Ponta do Coral elaborado por Mauro Passos (BHPC), sendo o primeiro documento sobre o tema que chegou às minhas mãos, razão pela qual foi selecionada e também com o professor Eduardo Castells, indicado por Marisa Fonseca como o responsável pela reação que os alunos tiveram quando souberam que Florianópolis perderia uma área verde de lazer no centro da cidade para a construção de um hotel cinco estrelas.

A entrevista com o professor Eduardo aconteceu na sua casa no bairro Coqueiros na cidade de Florianópolis, um lugar à beira mar, tranquilo em meio a muitas árvores e plantas, uma decoração exótica e singular com predominância do verde e da arte dentro e fora de casa, registro de características de criação própria. Inicialmente pedi que contasse um pouco sobre as características da turma; ao som do canto dos passarinhos e das ondas do mar batendo nas pedras, o gato por perto e o cachorro também, começamos a entrevista, a sala onde fui recebida era muito aconchegante, com tranquilidade ele começa a contar,

[...] essa foi a terceira classe do curso de Arquitetura da UFSC e que eles estavam na última fase de Prática (eram três fases a disciplina de Prática), os alunos já tinham a disciplina de Projetos e alguma informação. Na terceira e última fase se dava a oportunidade de ir para rua. Houve outros lugares, outras experiências com outras turmas, mas nenhuma se comparou com essa, diz o professor [...]⁴⁵

Neste período as questões ambientais começavam a ser questionadas, os aterros na Ilha estavam em sua fase de finalização e a turma do professor Castells iniciava ali um trabalho para transformar em algo significativo o seu próprio viver acadêmico. O professor Castells tinha clara a intenção daquilo que João Figueiredo (2007, p.39), chama de politização e criticidade do ato educativo, ou seja, era necessário integrar os alunos num processo de conhecimento ambiental através da educação universitária crítica e politizada.

⁴⁵ Idem.

Deixei que ele contasse mais sobre a turma, e seguiu dizendo que,

[...] na época que fez a proposta de trabalhar na Ponta do Coral, como projeto de extensão universitária gostaria que não fosse somente um trabalho da disciplina; tinha como objetivo a criação de vínculo com outras unidades da universidade, como o colégio de aplicação, o departamento de Biologia, Geografia e outras mais, para poder fazer um trabalho em conjunto [...]⁴⁶

A proposta de um grande projeto veio logo, segundo o professor foi pensado em convidar crianças do Colégio de Aplicação e outras escolas, professores, políticos, intelectuais, imprensa, enfim foi o começo da organização para pensar nos detalhes também das apresentações.

A turma, já conhecedora da História da Ponta do Coral passou a pensar como faria a montagem de toda a programação; eles mesmos elaboraram o que iriam pintar, cantar, apresentar à comunidade para que pudessem chamar a atenção para o descaso do poder público com o terreno no centro da cidade. Foram muitas horas de trabalho, muitas horas de aula e com o andar do projeto os alunos se entusiasmaram tanto que já trabalhavam fora do horário das aulas também.

Todos estavam num movimento de construção quando o governador, na época Jorge Konder Bornhauser (1979-1982) veio com a história de privatizar a área, e nos quatro meses de duração da disciplina, foi quando o governo do Estado colocou a área a leilão.

A reação da população foi quase imediata mesmo havendo repressão militar, o inconformismo tomou conta e começou a despertar nos alunos o que o professor Castells chamou de um movimento estudantil ecológico,

[...] assim começou despertar um movimento estudantil ecológico. Mesmo que os movimentos ecológicos daquela época eram muito incipientes e mesmo pelo fato de ser incipientes tinham muita vitalidade. Foi uma reação imediata nos vários setores da cidade [...]⁴⁷

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

A década de 1970 foi um momento de emergência dos movimentos ecológicos e no início da década de 1980, (período do protesto pela preservação da Ponta do Coral) foi o momento de emergência dos movimentos denominados por historiadores ambientais de ecopolíticos (GUIMARÃES, 2003, p.15). Segundo Ilse Scherer-Warren,

[...] o período da década de 1960 a 1980, uma série de novos movimentos sociais, de mulheres, ecológicos, regionais, étnicos e outros, organizaram-se a partir da afirmação de suas identidades coletivas específicas... Nos campos da pesquisa e da educação, novas áreas de conhecimento desenvolveram-se: estudos de gênero, negros, étnicos, ecológicos e similares [...] (WARREN, apud, FLEURI, 1998, p.31)

Ocorreu nessa fase o despertar para o ambiente em que vivemos, as pessoas quiseram entender sobre ecologia e os movimentos passaram a ser questionados. O termo ecologia no seu sentido original significa “ciência do habitat”, ou de modo mais preciso como fazem os ecologistas modernos, “ciência que se ocupa do estudo inter-relacionado dos organismos com seus ambientes” (DIBLASI, 2007, p.12). Este entendimento despertou preocupações em relação ao respeito com a natureza. O Professor Castells conta que teve um aluno, ele se refere ao “Chico” (não lembrava o nome), que foi o primeiro líder do movimento ecológico livre nascido com os jovens na universidade, que foi de alguma forma, segundo o professor, o antecessor do partido verde de Florianópolis.

O que se pensava no início ser somente uma disciplina, com o movimento tomou uma proporção muito maior, juntou-se uma série de fatores que fizeram com que rapidamente a questão da Ponta do Coral e o questionamento sobre a implantação do hotel comessem a despertar este movimento estudantil. Os setores da intelectualidade ligados principalmente com a universidade também se posicionaram, isso fez com que o trabalho na disciplina de Plásticas adquirisse uma dimensão política que não era a intenção inicial. Claro que a finalidade do trabalho não era apenas de levar aos estudantes a leitura dos conteúdos da disciplina e para praticar no espaço real e concreto, mas também a questão do respeito ao perfil dos espaços verdes e ao uso destes espaços

na cidade. O professor diz que “o trabalho visava um foco, desconhecendo a projeção pública que poderia vir a ter, eu queria despertar nestes estudantes de arquitetura esta consciência, a importância de se apropriar deste tipo de espaço e lhe dar um uso”.⁴⁸

Por causa dos questionamentos e inquietudes da população, dos estudantes e professores “foi convocado inclusive o Ministério Público para que intercedesse, e deu resultado, o governo pisou no freio”, conta o professor bem entusiasmado, e finaliza dizendo que,

[...] de todos os modos nenhum outro trabalho teve essa projeção, havia um entusiasmo, a turma tinha cara de esperança, era muito especial. Eu fui feliz na escolha do tema e as ações do Governo do Estado, exatamente nesse momento do trabalho... foram uma série de coisas que contribuíram para o sucesso do projeto. Realmente acho que essa turma foi excepcional. O convite de formatura foi feito três anos depois do evento, ou seja, o processo de amadurecimento, de crescimento intelectual político e pessoal que eles tiveram em todo esse tempo, foi muito grande. Eles, sem dúvida, ficaram muito influenciados por isso, foi tanto que na formatura, se chamou “Turma Ponta do Coral”, e alguns falavam que foi a coisa mais importante que tinha acontecido na universidade para eles [...]⁴⁹

Realmente, a turma deixou marcas de amizade e companheirismo, Clerson Larroyd, um dos alunos do Professor Eduardo Castells e entrevistado nesta pesquisa disse que,

[...] a turma se uniu de uma forma impressionante... começamos a planejar, quem a gente iria chamar, como iríamos fazer, como iríamos divulgar... foi muito legal... tem alguns colegas que a gente nem conhecia direito e isso acabou aproximando muito mais a turma...a partir daquele momento a turma começou a questionar mais coisas... a partir daquele momento a nossa turma começou a ser respeitada no curso de

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

arquitetura...houve dentro do curso outras turmas que também se manifestaram para outros assuntos (regulamentação do curso), mas a nossa turma acabou tomando a frente das manifestações em geral... dentro das lideranças era sempre composta pelo pessoal da turma, criou-se alguns líderes ali... a Marisa com aquele jeitinho dela era líder [...]⁵⁰

Enquanto eu escutava o professor Eduardo falar sua opinião sobre a turma e confirmado pelo depoimento Clerson Larroyd, lembrava de que Paulo Freire traz uma reflexão neste sentido quando diz que “a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p.98), e que “a educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política” (Idem, p.110).

3.3 PONTA DO CORAL: PALCO DE MOVIMENTO ECOLÓGICO

Segundo os relatos de Marisa Fonseca⁵¹, os estudantes de Arquitetura da UFSC fizeram um apelo de mobilização à comunidade nos dias 07, 08 e 09 de novembro de 1980, respectivamente, sexta, sábado e domingo. Com o nome “fim de semana de lazer e recreação na Ponta do Coral”, os estudantes tiveram como objetivo demonstrar a importância daquela área como espaço de lazer para a cidade por meio de apelo artístico, promoveram show de Bandas locais, roda de capoeira, teatro, boi de mamão, fantoches, atividade de recreação, enfim a intenção foi unir momentos de descontração com a responsabilidade ambiental e muitos registros fotográficos foram feitos para comprovar o sucesso do movimento⁵².

Segundo Francisca Michelin (2001, p.183) a máquina fotográfica deu ao observador a capacidade de ver o distante do seu olho, de ver o desconhecido e de ver o desaparecido. Aqui veremos imagens que não existem mais, seus registros estão na memória e nas fotografias.

⁵⁰ Arquiteto Clerson Larroyd, aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFSC, Turma 1984/2. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 10/05/2010.

⁵¹ Arquiteta Marisa Fonseca. Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFSC, Turma 1984/2. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 14/04/2010.

⁵² No decorrer do texto faço uma amostragem e comentários das fotografias referentes ao movimento que foram cedidas para minha pesquisa pelos entrevistados.

A escolha da arte como forma de protesto, é a expressão da fotografia a seguir, apresentação de capoeira que reuniu as pessoas na energia do jogo e no objetivo do protesto.



Figura 24: A Capoeira como forma de protesto. Registro do movimento em 07, 08, 09 de novembro de 1984. Acervo Marisa Fonseca.

O professor Castells diz que “a arte era uma questão acadêmica, a arte era essencial e aconteceu justamente pelo movimento não ter intenção política, isso vai acontecer mais tarde como consequência”. Diz ainda que “não sabia se o movimento teria tanta repercussão se tivesse sido dentro da universidade ou com um conteúdo essencialmente político”.⁵³

Na fotografia 25 pode-se observar outra forma de arte, o teatro. Cabe atenção aos rostos das crianças para a atriz, os adultos também se divertiram e apreciaram, em meio ao conteúdo pronto e ensaiado havia falas voltadas ao protesto, houve momentos de interação com o público onde o assunto da privatização da área era sempre questionado.

⁵³ Professor da UFSC do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Eduardo Jorge Felix Castells. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 18/05/2010.



Figura 25: Teatro com pintura de rosto.
Registro do movimento em 07, 08, 09 de novembro de 1984.
Acervo Marisa Fonseca.

Robinson Alves confirma as palavras do seu mestre, pois acredita que realmente a arte foi veículo quando diz que,

[...] essa manifestação artística veio de diversas formas... através da música, do teatro, capoeira, fantoches, boi de mão... da instalação... foram vários elementos ali, acho que esse foi o grande mérito.. várias modalidades artística e a gente acreditava, a arte é sempre uma boa maneira de você se manifestar ainda que seja para um protesto... Chico Buarque fez coisas maravilhosas... músicas de protestos, é o veículo mesmo... aí você dá o tom da coisa, mais sutil menos sutil... e ali foi sutil, foi uma manifestação artística mas tava claro que era um protesto [...]⁵⁴

Perguntei para Marisa Fonseca porque a escolha da arte como forma de manifestação; ela respondeu que “é a linguagem que está mais próxima da arquitetura, a ocupação da paisagem, a arquitetura é uma arte, era preciso envolver as pessoas e a arte é a maneira que mais toca, a arte é usada como veículo”. Ela disse ainda que “a pintura é uma

⁵⁴ Arquiteto Robinson Alves, aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFSC, Turma 1984/2. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 12/05/2010.

expressão que os arquitetos usam muito, nós pintamos as ruínas, as perspectivas foram todas desenhadas e pintadas, a pintura é de praxe, é nosso primeiro instrumento”.⁵⁵



Figura 26: A pintura das ruínas em meio a apresentação das escolas.
Registro do movimento em 07, 08, 09 de novembro de 1984.
Acervo Marisa Fonseca.

Na fotografia 26 pode-se observar que em meio as ruínas havia arte em forma de pintura e teatro, as atividades artísticas são formas de atrair as pessoas e segundo os relatos da arquiteta⁵⁶ seria a “melhor forma de ocupação dos espaços, a recreação e a arte”, uma justa parceria pois, foi através desta combinação que a turma de estudantes deixou sua marca nos protestos pela preservação do terreno da Ponta do Coral. Ela contou que depois deste trabalho, alguns colegas foram chamados para fazer uma pintura profissional em um bar na cidade porque os proprietários gostaram das sombras em forma humana desenhadas nas ruínas “era um efeito de luz e sombra que ficava muito especial”.⁵⁷ Estes registros podem ser observados na figura 27 que transmite a identificação dos estudantes com as ruínas.

⁵⁵ Arquiteta Marisa Fonseca, aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFSC, Turma 1984/2. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 14/04/2010.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

Dessa maneira os jovens foram divulgando o conhecimento ao público sobre as ruínas e também sobre o destino que o governo do Estado intencionava dar ao espaço. O grupo estava se fortalecendo como coletivo, simbolizava o desejo de mais vida e para isso usou as mais diferentes linguagens para denunciar a concretização⁵⁸ da cidade.



Figura 27: As pinturas das sombras humanas nas paredes. Uma forma de assinatura e registro. Registro do movimento em 07, 08, 09 de novembro de 1984. Acervo Marisa Fonseca.

Ao olhar a fotografia acima é possível fazer uma leitura simbólica dos detalhes passíveis de observação; interessante perceber a bandeira branca no canto esquerdo no alto do casario trazendo um pedido de paz ou um apelo da própria natureza ao homem, as nuances dos desenhos como se não houvesse uma forma só de pensamento e ação, as cores indicando a multiplicidade das ideias e por fim a sombra de uma pessoa deixada em branco como se eles próprios estivessem se vendo como integrantes das ruínas ou incluindo-se em meio a elas ou ainda como uma forma de assinar a produção.

Entre a turma foi pensado como seria a propaganda e o custo para a programação, eles receberam ajuda financeira de alguns políticos, casas de comércio e instituições públicas. Para a panfletagem desenharam um cartaz que seria impresso e distribuído para a população, esse trabalho foi produção do Robinson Alves, segundo ele,

⁵⁸ Quero dizer no sentido de cimentar, concretar, edificar, verticalizar. Momento que a cidade estava vivendo a troca dos espaços verdes por edificações.

seu desenho ainda foi usado num livro de poesias e mais tarde daria origem ao convite de formatura da turma.

[...] houve uma divisão de tarefas... fiquei incumbido de fazer o cartaz, foi a pedido do Castells... eu gostava muito da aula de Plástica porque eu tenho uma facilidade para desenhar, e o Castells já tinha percebido isso... ele me passou essa tarefa... uma tarde fiquei olhando, olhando e cheguei em casa e desenhei... foi feito uma tiragem, distribuímos na cidade para divulgação... eu me lembro até que foi utilizado num livro de poesias, na capa... e mais tarde no convite de formatura [...]⁵⁹

Um terceiro entrevistado, Robinson Alves⁶⁰, enquanto falava sobre o movimento olhava as fotos e relembrava dizendo que a princípio eles até pensaram em fazer apenas uma instalação física⁶¹ no local, mas não daria o resultado esperado, então acharam melhor promover um evento com atrativos ao público para melhor passar a mensagem que queriam; foi assim que aconteceu a intervenção na casa enquanto palco, a turma era grande e foram várias ideias alinhavadas que contribuíram para o trabalho ganhar corpo. Houve organização para que o final de semana acontecesse, divisão de tarefas como, por exemplo, uma equipe para fazer cartazes, outra para ir às escolas, outra para arrecadar as tintas, para montagem do cenário e organização das arquibancadas, enfim muitos afazeres para que tudo desse certo. Conforme a figura 28 o lugar ganhou rosto e corpo, havia vida lá.

⁵⁹ Arquiteto Robinson Alves, aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFSC, Turma 1984/2. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 12/05/2010.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Entende-se por instalação física, segundo a explicação do Arquiteto Robinson Alves, apenas mexer na parte de pintura da estrutura construída.



Figura 28: Os últimos preparativos, estava quase na hora. Ensaios e últimos detalhes. Registro do movimento em 07, 08, 09 de novembro de 1984. Acervo Marisa Fonseca.

Assim, os jovens acadêmicos percorreram a cidade, as escolas, as casas, a imprensa, para distribuir e divulgar o final de semana festivo na Ponta do Coral, segundo Robinson jamais esperavam o sucesso conseguido,

[...] foram feitas a tarde oficinas para os colégios, educação ambiental, as crianças de uniforme, era um público infantil que conseguimos trazer pela forma de organização que tivemos, era necessário entrar em contato com a direção de todas as escolas e garantir a segurança dessas crianças, tudo isso foi planejado e muito bem pensado, (figuras 29 e 30), a noite teatro e show de rock ao vivo onde os próprios professores e alunos se apresentavam, eram bandas de grupos de dentro a universidade [...]⁶²

⁶² Arquiteto Robinson Alves, aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFSC, Turma 1984/2. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 12/05/2010.

Essas foram ações coletivas e planejadas que segundo Fleuri,

[...] podem produzir alguma transformação significativa nas relações sociais de poder e no sistema de ensino escolar, o que for acontecimento isolado não terá força. Com a educação podemos promover transformações que reforcem a organização de um poder popular, essas mudanças ocorrem à medida que as classes populares conseguem construir seu poder no sentido de irem vencendo o poder da classe capitalista [...] (FLEURI, 2001, p.30)

É acreditando no coletivo que o grupo de universitários envolveu a educação na luta contra a especulação imobiliária; usando como bandeira a utopia e a esperança.

Segundo Fleuri (2001, p.77), utopia não significa viver o irreal. “Utopia significa, antes, interpretar criticamente a realidade em que vivemos, identificando suas contradições presentes e projetando as soluções emergentes. Utopia significa compreender o passado, viver o presente e construir o futuro”.



Figura 29: Contribuição das crianças para o protesto na Ponta do Coral. Registro do movimento em 07, 08, 09 de novembro de 1984. Acervo Marisa Fonseca.

Envolver as escolas e a universidade traz a discussão da crise ambiental e da crítica ao modelo de desenvolvimento capitalista para dentro das salas de aula. O desafio está em repensar a educação em sua totalidade, enfrentando a fragmentação do conhecimento. A educação ambiental deve estar presente dentro de todas as disciplinas de modo lúdico e claro, que possa facilitar a aprendizagem e responsabilizar para a importância do assunto. “Educar ambientalmente pressupõe investigar e refletir sobre as complexas relações socioambientais existentes e possíveis, à luz da realidade concreta do presente” (SEE, 2002, p.10). A educação ambiental requer ação e posicionamento, objetivo que se pode atingir das mais diversas formas, a professora Maristela Fantin (2005, p.180) diz que “através da arte é possível visualizar, desenhar, apagar e reinventar outro jeito de fazer educação”. Segundo Valdo Barcelos,

[...] a educação ambiental, como uma exigência da pós-modernidade, está baseada na busca de metodologias de trabalho que privilegiem a construção de conhecimento com base na solidariedade, na tolerância, na paz, e em um conhecimento prudente de si, para si, e que tenha como horizonte a construção de um mundo social e ecologicamente mais justo [...] (BARCELOS, 2008, p.68)



Figura 30: Contribuição das escolas ao movimento na Ponta do Coral. Registro do movimento em 07, 08, 09 de novembro de 1984. Acervo Marisa Fonseca.

É impossível que o envolvimento da educação não aconteça; as questões da degradação ambiental estão ligadas à degradação e desorganização social, à exploração, aos valores e à cultura de cada povo. A ética e a moral precisam ser ensinadas nos bancos escolares ao mostrar que para todos nossos atos enfrentaremos as consequências. Segundo Vásquez (1969, p.12), ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em/com sociedade. Moral (Idem, p.49) é um conjunto de normas, aceitas livre e conscientemente, que regulam o comportamento individual e social dos homens.

Muitos temas podem ser discutidos através dos acontecimentos que envolveram o final de semana festivo, a política, a educação, a especulação, o poder capitalista e o poder das manifestações populares. Os estudantes estiveram envolvidos numa grande organização para atingir seus objetivos. Esta organização, segundo entrevista com Almir Francisco Reis,⁶³ demonstrou a força da união e toda aquela paixão que os calouros da arquitetura costumavam apresentar. Valdo Barcelos (2008a, p.99) ao analisar os escritos de Humberto Maturana diz que a experiência epistemológica e ecológica para vivência da aprendizagem acontece na cooperação entre os seres humanos e não na competição.



Figura 31: Registro dos eucaliptos e da sombra citados no texto. Registro do movimento em 07, 08, 09 de novembro de 1984. Acervo Marisa Fonseca.

⁶³ Arquiteto Almir Francisco Reis, aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFSC, Turma 1984/2. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 19/04/2010.

A cooperação foi mais que necessária, pois o período da manifestação foi de ditadura, repressão; então perguntei ao Almir⁶⁴ como eles enfrentaram essas questões, ele disse que “ninguém esperava o alto número de pessoas que compareceram ao local, foi uma coisa feita muito na inocência”, sentimento que não combinava com a violência da ditadura, mas ele ainda complementa com características sinceras, “a gente adorava aquele lugar, achava bonito e o evento estava bem organizado então não havia motivo de nenhum tipo de enfrentamento embora estivéssemos protestando contra um ato do governo”. Segundo Robinson⁶⁵ o policiamento estava ali entre eles de campana, mas a repressão foi em cima do Professor Eduardo Castells, “deram voz de prisão para o Castells alegando ato de rebeldia e ele acabou afastando-se do movimento, inclusive reuniu os estudantes e explicou que precisava sair, achava importante parar por ali, mas a turma disse que continuaria até o fim”.

Neste momento da entrevista lembrei-me dos estudos acadêmicos sobre Paulo Freire (1996, p.78) quando diz que, “não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos”, e parece que a turma entendeu muito bem essa questão. Sobre esse assunto Marisa Fonseca diz que,

[...] a saída do Castells só fortaleceu nossa união, decidimos continuar sozinhos e durante todo “fim de semana festivo” na Ponta do Coral, o policiamento foi ostensivo, com clara intenção de intimidar a comunidade que se manifestava contra a venda do local, várias fotos foram tiradas do policiamento e enviadas para o laboratório da universidade para revelar e nunca mais apareceram [...]⁶⁶

Sobre este importante documento de investigação que é a fotografia, Francisca Ferreira Michelin (2007, p.183) diz que a “fotografia é uma ferramenta de particular neutralidade, que não apenas registra, mas em função do seu admitido realismo, aponta e acrescenta fatos”. Pois eram tempos de ditadura, havia fatos que não poderiam ser

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Arquiteto Robinson Alves, aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFSC, Turma 1984/2. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 12/05/2010.

⁶⁶ Arquiteta Marisa Fonseca, aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFSC, Turma 1984/2. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 14/04/2010.

nem apontados, nem acrescentados, quanto menos informação melhor, talvez por isso as fotografias desapareceram. Lembrando que em “tempos de ditadura” sumir com algo ou com alguém eram considerados atos corriqueiros. Neste sentido Michelin complementa dizendo que a “fotografia é uma forma de investigação do mundo”, e o momento vivido não admitia nenhuma forma de rebeldia ou investigação.

Constata-se que o trabalho feito pela turma de arquitetura foi muito mais que um evento de protesto ambiental, pois quando eles falam daquele espaço sempre se referem com carinho e tristeza. Carinho porque amavam o lugar e tristeza porque tudo que tinha ali construído, hoje está completamente destruído, não restou sequer um eucalipto.



Figura 32: As crianças brincando e cantando o folclore catarinense. O protesto pela arte. Registro do movimento em 07, 08, 09 de novembro de 1984. Acervo Marisa Fonseca.

Os entrevistados ainda conseguiram ver e sentir a beleza do lugar, pois foi em meio as aroeiras, gaiivotas, eucaliptos e as enormes sombras que o evento aconteceu. Observando as fotografias cedidas pelos participantes no decorrer deste texto é possível entrar em contato com aquela paisagem e entender um pouco o saudosismo que tomou conta dos entrevistados durante nossas conversas. Na entrevista com Clerson Larroyd percebe-se até uma certa ternura,

[...] um lugar bonito, as crianças, professores, alguns acabaram usando o evento para divulgar suas atividades, mas a termo de consciência, foi nossa proposta, a chamada foi “descubra a ponta do coral”, o lugar estava ali, acesso fácil, próximo ao centro, eu tenho uma imagem digitalizada que uma colega tinha e me mandou, e estava lá “descubra a PC” trazer escolas, pessoas, entidades e população em geral para descobrir a PC, um local bellissimo, uma baía, junto ao centro, poderia ser uma área de lazer [...]⁶⁷

Convido o leitor, para que “descubra a Ponta do Coral”, observe e faça um exercício com sua imaginação, (figuras 33 e 34) olhe e sinta saudades de uma bela área verde a beira mar. Talvez um lugar que a grande maioria de nós, não conheceu.



Figura 33: A Ponta do Coral era uma área verde no centro da cidade com centenas de eucaliptos, aroeiras e gaivotas. Registro do movimento em 07, 08, 09 de novembro de 1984. Acervo Marisa Fonseca.

⁶⁷ Arquiteto Clerson Larroyd, aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFSC, Turma 1984/2. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 10/05/2010.

A fotografia 33 demonstra a vida, o respirar, o estar e o pulsar de um movimento em defesa da vida; sobre o assunto a Professora Maristela Fantin (2005, p.177) diz que “com tambores, marcávamos ritmos nas ruas e calçadas, denunciando e conclamando que a vida precisava e precisa ser cuidada”, a professora se refere ao Movimento Abraçando a Vida que assim como o Movimento pela preservação da Ponta do Coral marcou seu protesto com pinturas, músicas, danças pelo cuidado com a vida.



Figura 34: Alunos, professores e comunidade juntos na Ponta do Coral. Registro do movimento em 07, 08, 09 de novembro de 1984. Acervo Marisa Fonseca.

Os reflexos do movimento de 1980 estiveram presentes por muito tempo na história da cidade de Florianópolis, a partir desta mobilização que envolveu não só estudantes, mas a comunidade em geral, inclusive a classe política e a imprensa, de certa forma fez recuar a possibilidade de uma empresa privada construir ali um hotel cinco estrelas. Apesar de que logo após a manifestação, já na segunda feira, colocaram uma cerca de arame farpado e uma placa enorme bem na frente do terreno que dizia “proibida a entrada, área particular”, o portal que existia na época foi fechado e ninguém mais teve autorização para entrar. Desde então sempre que ocorre alguma movimentação no terreno para construção do

hotel a própria imprensa deixa a população em alerta, a ideia destes alunos tomou proporções mais amplas e duradouras, hoje temos entidades que lutam pelo meio ambiente⁶⁸, temos órgãos que fiscalizam com rigor as construções na Ilha. A problemática ecológica que enfrentamos hoje não permite as regalias de não nos preocuparmos com o assunto. E efetivamente “a partir desta consciência desencadeou várias ações e grupos, que nos anos de 1990 garantiram a integração dos valores ecológicos às lutas populares” (CECA, 1996, p.91).

No final de 1984, a turma de formandos do Curso de Arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina, depois de quatro anos de protestos e indignações termina sua jornada universitária e deixa um último protesto ao poder público e a população florianopolitana ao escolher o nome da turma, “Turma Ponta do Coral”. A figura 35 destaca o convite feito em papel pardo com desenho de Robinson Alves, um dos entrevistados desta pesquisa e também protagonista do movimento, segundo as entrevistas concedidas, não teve baile nem festa, alguns alunos se reuniram e festejaram sua formatura com simplicidade, a colação de grau aconteceu dia 06 de agosto de 1984, no clube 12 de Agosto em Florianópolis. A força e determinação da turma de estudantes faz lembrar os escritos de Paulo Freire quando diz que “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade” (FREIRE, 1996, p.77).

⁶⁸ Meio Ambiente engloba, ao mesmo tempo, o meio cósmico, geográfico, físico e o meio social com suas instituições, sua cultura, seus valores. (REIGOTA, 1995, p.13).



Figura 35: Convite de Formatura e protesto. Acervo Robinson Alves.

Consta no referido convite o seguinte texto:

[...] a ponta do coral era uma área verde, próxima ao centro de Florianópolis, que foi destruída pela especulação imobiliária, em novembro de 1980, nossa turma realizou manifestações artístico-culturais com o intuito de preservá-la como área de lazer. Fica aqui, o nosso último protesto, como estudantes, ao descaso das autoridades quanto a preservação desta área [...] ⁶⁹

O conteúdo político-pedagógico expresso neste fragmento de um símbolo tão importante que é o convite de formatura da turma responsável pelo único movimento social ocorrido em 1984 pela preservação da Ponta do Coral, revela a importância daquele lugar não apenas para esta turma, mas para todas as pessoas e segmentos da sociedade comprometidos direta e/ou indiretamente com esta causa tão expressiva, cujas reverberações se fazem sentir até os dias atuais.

⁶⁹ Convite para solenidade de formatura, curso de Arquitetura da UFSC/1984/2. Acervo Robinson Alves.

3.4 A IMPRENSA: "ESTUDANTES OCUPAM A ÁREA"

Durante o fim de semana de protesto a imprensa esteve presente com a manchete "estudantes ocupam a área". Com a ação determinada e concreta os estudantes mobilizaram a imprensa, utilizaram-se da inocência, do amor e da criatividade para defender a natureza. A sensibilidade adequada, atitude refletida e ética somada à afetividade resultou no que Figueiredo (2007, p.63), chama de ecopraxis. A ideia de ecopraxis reveste-se do necessário engajamento efetivo na transformação política e ética do mundo (Idem, p.60). O "deve ser" (a ética) em tensão com o que se tem como real e como presente histórico, retoma sua força no contexto do saber (Idem, p.61). A educação precisa estar envolvida.

A seguir pode-se constatar a participação efetivada da imprensa, a reportagem apresentada (figura 36) relata em linhas gerais parte da história da Ponta do Coral juntamente com fatos políticos da época e o que estaria sendo feito pelo poder público para impedir a construção do hotel. Também traz o destaque do protesto estudantil com fotos das pinturas nas ruínas e com o movimento da população no local. Chama atenção do leitor explicando que a intenção seria transformar o local para uso da população.

Vereadores contra a venda da Ponta do Recife. Estudantes ocupam área

Os Vereadores Alvaro Vega Filho e Paulo César de Albuquerque apresentaram esta semana no Câmara Municipal contra a venda da Ponta do Recife, que faz encruada com o bairro de São José. A proposta é de não vender a área para construção de um hotel. O Governo do Estado, através do Idecem, cotou o local à construtora de uma área de quase 15 mil metros quadrados para ser construído um hotel e recreação turística. Seria o maior hotel do Brasil. Seria o maior empreendimento turístico do país. O projeto prevê a construção de um hotel de 15 mil metros quadrados e um parque de recreação. O projeto prevê a construção de um hotel de 15 mil metros quadrados e um parque de recreação. O projeto prevê a construção de um hotel de 15 mil metros quadrados e um parque de recreação.



A intenção é transformar o local para uso da população. O local é um espaço de lazer e recreação para a população. O local é um espaço de lazer e recreação para a população. O local é um espaço de lazer e recreação para a população. O local é um espaço de lazer e recreação para a população.

Ilustração 9 - Jornal O Estado, 08/11/80, pág. 20.

Houve show de música das Bandas "Paz e Amor nas Estrelas" "Araitá", roda de capoeira, teatro, atividades de recreação, conforme fotos que abaixo seguem.

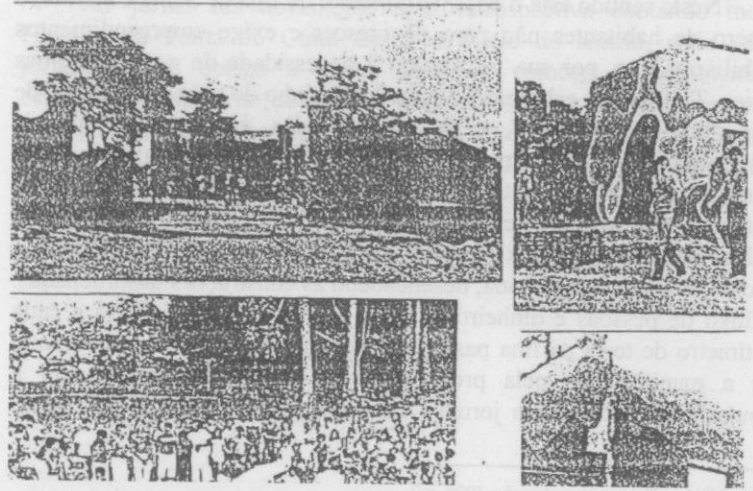


Figura 36: Cobertura total do evento pelo jornal O Estado de 08/11/1980. p. 20.

Esse envolvimento da imprensa e da população em geral para preservar uma área verde da cidade mostra uma comunidade já politizada que fez escolhas ambientais para seu espaço de vivência mútua ainda na década de 1980. Florianópolis já tinha sofrido muitas alterações como aterros e desapropriações, tudo para garantir porte de capital. Estas desculpas e justificativas tem efeito de crescimento sem limites que prejudicaram e descaracterizaram a capital catarinense. Todas as regiões de Florianópolis hoje estão ocupadas com algum tipo de construção, o censo demográfico do IBGE⁷⁰, que foi realizado em 2000, já revelava que a população da capital catarinense tinha ultrapassado os 300 mil habitantes. Pelo menos 70% desse contingente está na Ilha (o restante na parte continental), o que tem acarretado problemas ambientais que podem comprometer a qualidade de vida dos moradores. Yi-fu Tuan em seu livro Topofilia⁷¹ explica a ilusão das pessoas por Ilhas, ele diz que “a Ilha parece ter um lugar especial na imaginação dos homens e mulheres, sua importante atração reside no reino da imaginação” (TUAN, 1980, p.135); as ilhas triunfam sobre a propaganda negativa, é “uma espécie de eldorado mítico, a Ilha adquire um significado de local de fuga temporária” (Idem, p.137), que na maioria das vezes a fuga se torna permanente.

Neste sentido está o desenvolvimento da Ilha de Santa Catarina, o número de habitantes não para de crescer e exige empreendimentos imobiliários que, por sua vez, criam a necessidade de novos sistemas viários. Tudo acaba esbarrando “num “pedacinho de terra” que, longe de estar “perdido no mar”, tem 50% de sua área considerada de preservação”.⁷² Isso compromete o ecossistema e certamente as consequências virão. Existem questões realmente delicadas decorrentes da transformação viária e urbana da cidade, que por necessidade de acolher pessoas de outros Estados que vem morar em Florianópolis à procura de qualidade de vida, desencadeou as construções desordenadas. O fluxo de pessoas e dinheiro gerou a especulação imobiliária e cada centímetro de terra na Ilha passou a valer uma fortuna. É esse cuidado que a manifestação pela preservação da Ponta do Coral pediu a população da cidade. No jornal Diário Catarinense⁷³ de 2002, (figura

⁷⁰ Jornal Diário Catarinense. 4 junho 2000, p.7.

⁷¹ Yi-fu Tuan define o termo Topofilia, criado por ele, como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. É um conceito difuso, mas concreto como experiência pessoal. O autor não aborda a Topofilia apenas do ponto de vista da percepção, mas também das atitudes e dos valores envolvidos nas relações com o meio ambiente. (TUAN, 1980).

⁷² Jornal Diário Catarinense, 4 de junho de 2000, p. 7.

⁷³ Jornal Diário Catarinense – 05 maio 2002, p. 32.

37), inclusive o poder público já concordava com a preservação daquela área.

URBANISMO pela primeira vez, poderes concordam em dar um destino à área na Beira-Mar Norte, na Capital
Ponta do Coral, a um passo do lazer

PAUCÍLIA RODRIGUES

Os poderes Legislativo e Executivo de Florianópolis estão unidos no projeto de transformar a Ponta do Coral, localizada junto à Avenida Beira-Mar Norte, em área de preservação, em área verde de lazer (RUI).

O projeto de lei que prevê a criação do espaço que deve considerar a preservação ambiental e a preservação paisagística para servir de recreação para a população.

A Ponta do Coral foi criada em 1980 para a construção do terminal de ônibus. Devido à falta de espaço, a Prefeitura decidiu não construir ali, mas sim preservar a área.

Segundo a Ilha de Imagens, a área está localizada em 23,14 hectares. Uma vez criada, o espaço será usado para recreação, lazer, parques, além de manter a paisagem natural.

A medida entrará em vigor após a aprovação da proposta municipal em espaço aberto ao público.

A presidente do Meio Ambiente, Maria Vânia Louco, explica que se a Ponta do Coral for transformada em área de lazer, isso beneficiará a população, pois, além de preservar o espaço de lazer, também será possível a construção de um espaço aberto ao público.

“É claro que a preservação do espaço não impede a construção de um espaço aberto ao público”, explica a presidente.

No último semestre, sobre o assunto, realizou-se reunião pública, envolvendo representantes da Prefeitura, do Conselho Municipal de Meio Ambiente, do Conselho Municipal de Planejamento Urbano, do Conselho Municipal de Meio Ambiente e do Conselho Municipal de Meio Ambiente.

“Essa é uma área que sempre foi considerada uma área de lazer, e a Prefeitura quer preservar essa área para a população”, afirma a presidente.

“Essa é uma área que sempre foi considerada uma área de lazer, e a Prefeitura quer preservar essa área para a população”, afirma a presidente.



Projeto prevê área de lazer

O projeto de lei prevê a criação de uma área de lazer e recreação na Ponta do Coral, localizada junto à Avenida Beira-Mar Norte, em área de preservação, em área verde de lazer (RUI).

O projeto de lei que prevê a criação do espaço que deve considerar a preservação ambiental e a preservação paisagística para servir de recreação para a população.

A Ponta do Coral foi criada em 1980 para a construção do terminal de ônibus. Devido à falta de espaço, a Prefeitura decidiu não construir ali, mas sim preservar a área.

Segundo a Ilha de Imagens, a área está localizada em 23,14 hectares. Uma vez criada, o espaço será usado para recreação, lazer, parques, além de manter a paisagem natural.

A medida entrará em vigor após a aprovação da proposta municipal em espaço aberto ao público.

A presidente do Meio Ambiente, Maria Vânia Louco, explica que se a Ponta do Coral for transformada em área de lazer, isso beneficiará a população, pois, além de preservar o espaço de lazer, também será possível a construção de um espaço aberto ao público.

“É claro que a preservação do espaço não impede a construção de um espaço aberto ao público”, explica a presidente.

No último semestre, sobre o assunto, realizou-se reunião pública, envolvendo representantes da Prefeitura, do Conselho Municipal de Meio Ambiente, do Conselho Municipal de Planejamento Urbano, do Conselho Municipal de Meio Ambiente e do Conselho Municipal de Meio Ambiente.

“Essa é uma área que sempre foi considerada uma área de lazer, e a Prefeitura quer preservar essa área para a população”, afirma a presidente.

“Essa é uma área que sempre foi considerada uma área de lazer, e a Prefeitura quer preservar essa área para a população”, afirma a presidente.

Figura 37: Jornal Diário Catarinense – 05/05/2002. p. 32.

O jornal faz novamente uma retrospectiva contando toda a História da Ponta do Coral desde o início do século, cada edição jornalística se obriga a contar desde o começo a movimentação especulativa em torno da área. A compreensão para quem começa um acompanhamento só ocorre quando há o entendimento do contexto histórico e cultural que envolve o lugar. Conforme figura 38 constata-se mais esclarecimento nessa mesma edição.

Região era formada por chácaras no início do século

A Ponta do Coral, também conhecida como Ponta do Recife, é um acidente geográfico localizado na Baía Norte da Ilha de Santa Catarina. O acesso é feito pela Avenida Beira-Mar Norte.

No início do século, a região possuía várias chácaras e após a construção de um abrigo para menores, em 1940, foi consolidada como um parque para os moradores do bairro.

No dia 16 de dezembro de 1980, a Ponta do Coral foi vendida para a empresa Carbonífera Metropolitana, que venceu a concorrência pública. O novo proprietário pretendia construir um hotel cinco estrelas, com marina, mas o projeto foi vetado pela Fundação do Meio Ambiente (Fatma) e pela Capitania dos Portos.

Figura 38: Jornal Diário Catarinense – 05/05/2002. p. 32.

A figura 38 demonstra a importância de conhecer para preservar, trazendo uma retrospectiva dos acontecimentos que envolveram a história da Ponta do Coral em relação à história da cidade. É importante a preocupação com essas questões, pois a Ilha de Santa Catarina vive hoje um caos no seu dia-a-dia com sua estrutura viária, os congestionamentos não tem mais hora nem local. Construir hotéis, shoppings e supermercados no centro da cidade é gerar enormes problemas no trânsito, as soluções são pensadas por profissionais qualificados para fluir, descongestionar, mas em Florianópolis essas mesmas sugestões estão servindo apenas para desafogar momentaneamente. Neste sentido o terreno da Ponta do Coral é visto como central e problemático se ali for construído um hotel cinco estrelas, alguns estudantes posteriores a turma de 1984, os quais são os

Em 1998, as ruínas da Ponta do Coral foram demolidas pelo proprietário, apesar do embargo pelo Ministério Público Estadual.

Alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) desenvolveram projetos arquitetônicos com propostas de revitalização da Ponta do Coral, como a criação de um espaço cultural e de lazer. A Ponta do Coral também tem um grande valor histórico. Lá existiu o primeiro atracadouro para o abastecimento de barcos. Era ainda ponto de vigia da Ilha antes dos fortes.

De acordo com a procuradora de Urbanismo e Meio Ambiente, Maria Lúcia Locks, este espaço é o único contorno natural na área central de Florianópolis, que não recebeu aterro.

protagonistas dessa história, passaram a pensar soluções em forma de sugestões para aquela área.

3.5 ESTUDOS E PROPOSTAS

A UFSC, através dos seus mais diversos cursos, tem dedicado estudos sobre o município, nos seus mais diversos aspectos. O Curso de Arquitetura e Urbanismo ofereceu uma grande colaboração com o trabalho de seus professores e alunos, apresentando sugestões para o planejamento da cidade. Vários alunos deste curso tem escolhido, como projeto de conclusão de curso, o estudo da utilização da Ponta do Coral como área pública e de lazer, pela convicção de que esta é a grande vocação da área.

Os alunos Marcelo Galafassi e Raquel Medeiros, do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, elaboraram em 1993, o projeto arquitetônico de conclusão de curso, orientado pelo Professor Dalmo Vieira Filho, denominado “*Revitalização da Ponta do Coral*”(BHPC, 2000, p.32). (figura 39).



Figura 39: Marcelo Galafassi e Raquel Medeiros - Arquitetura e Urbanismo/UFSC – 1993. Acervo Mauro Passos.

A proposta⁷⁴ sugere a manutenção dos locais para os barcos de pescadores, a utilização da área do outro lado da via expressa com quadras de esporte e destinado a antiga construção da Standard Oil de 1930, para uma área de uso comum como um restaurante ou boate.

Erbert Waterkemper, aluno do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, também elaborou em 1993, como trabalho de conclusão de curso um estudo sobre a Ponta do Coral, propondo a preservação do prédio da Standard Oil, e seu uso como Bar e Restaurante, e sugerindo a criação do Aquário Municipal de Florianópolis. (BHPC, 2000, p.33)

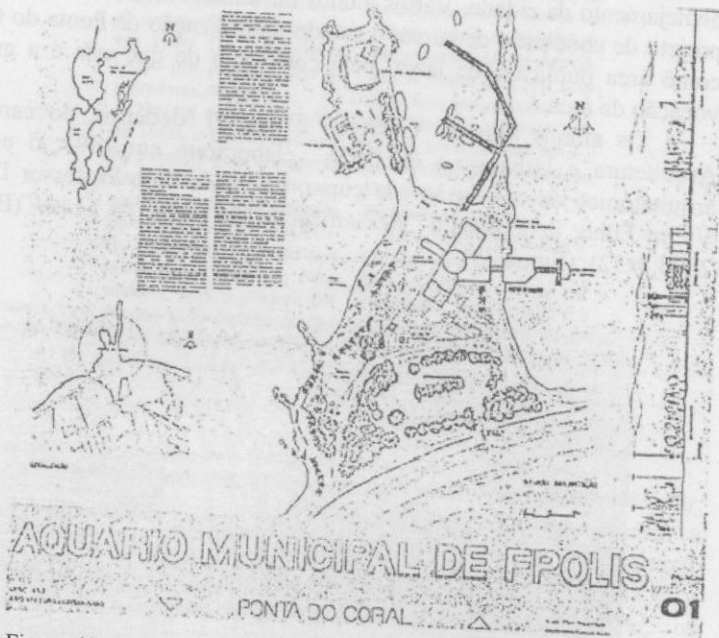


Figura 40: Projeto de Tatiana Filomeno – Arquitetura/UFSC – Acervo Mauro Passos.

⁷⁴ Importante observar que esses projetos foram feitos e idealizados antes da demolição total das ruínas, isso só vai ocorrer em 1998.

A aluna Tatiana Filomeno, com a colaboração de Andrea Herms Silva e Marcelo Cabral, estudantes do Curso de Arquitetura da UFSC, também elaboraram, projeto arquitetônico de conclusão de curso, denominado “Museu Aquático da Ponta do Coral”, orientado pelo Professor Dalmo Vieira Filho, sugerindo a utilização da área da Ponta do Coral para lazer e cultura.

Da mesma forma que Marcelo Galafassi, a estudante Tatiana propôs a utilização dos dois lados da Avenida Beira Mar, ligados por uma passarela, mantendo os pescadores e restaurando o antigo prédio da Standard Oil, de 1930, sugerindo também, a construção sem qualquer aterro, de um Museu Aquático, com a edificação de uma estrutura sobre pilotis⁷⁵, avançando no mar, vários metros a frente do trapiche do antigo prédio da Standard Oil. (Idem, p.33).

Cabe aqui observação em relação ao tempo, pois passados onze anos da realização do movimento, ainda havia alunos preocupados com a preservação da Ponta do Coral, direcionando seus estudos numa tentativa de realizar o “sonho dos estudantes de 1984/2”, tornar o terreno central da cidade num parque e não num hotel.

3.6 UMA PRAÇA À BEIRA MAR?

Segundo os relatos na época do Deputado Federal Mauro Passos (2003-2007),

[...] no centro de Florianópolis a quantidade de área verde por metro quadrado, por habitante, já é muito pequena. O que havia de espaço livre, hoje deu lugar aos prédios. Enquanto em muitas cidades, o Poder Público luta para preservar e ampliar áreas verdes, criando espaços públicos de lazer, com o pensamento voltado para as gerações futuras, aqui se permite um empresário especular, há mais de 20 anos, com uma área verde abandonada e fechada ao acesso de todos. a Beira Mar, além da ciclovia, da calçada, do Koxixo's e do Trapiche, precisa de uma área verde bela e

⁷⁵ Colunas ou pilares de sustentação podem ser considerados como sistema construtivo baseado na sustentação de uma edificação através de uma grelha de pilares. Conforme explicações do Arquiteto Clerson Larroyd. Entrevista concedida a esta pesquisadora em 10/05/2010.

ampla para o lazer daqueles que por ali transitam.
Uma Praça à Beira Mar, é o que todos almejamos
 [...] ⁷⁶

Segundo Rocca, (2002, p.72), “a realidade da Ilha de Santa Catarina hoje é um espaço quase que totalmente urbano, cada vez mais ocupado, dando lugar a construções diversas com residências, comércio e malha viária”. São poucos os lugares da Ilha que ainda não sofreram substancial modificação, “a falta da criação na década de 1980 de um órgão ambiental municipal acarretou diversas carências no âmbito do meio ambiente na Ilha de Santa Catarina” (Idem, p.114).

Este foi o desfecho de um movimento estudantil que através da ação tentou deixar sua marca na História da Ponta do Coral, sua luta se deu para conservação de uma área para a cidade. As questões envolvidas nessa trajetória projetaram esses estudantes para dentro da própria História da cidade na luta por um mundo melhor. Pois “não apenas fazemos a história, somos ela própria” (BARCELOS, 2008, p.17). Neste aspecto Paulo Freire (1996, p.77), diz que “não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”, ainda sobre a mudança e as transformações ele diz que “mudar é difícil, mas é possível, a mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho” (Idem, p.79), o parque ainda não foi construído, mas o hotel também não.

Vivemos em um mundo onde repleto de “estudantes de arquitetura” ávidos por justiça e humanização, somos seres humanos e carregamos dentro de nós o maior poder que existe, a esperança. “Sempre resta a esperança de o homem descobrir o velho segredo: que o mundo é ele e ele é o mundo” (REIGOTA, 1995, p.29).

Para finalizar cito novamente a sabedoria de Paulo Freire,

⁷⁶ Mauro Guimarães Passos, foi vereador pelo município de Florianópolis no período 1997-2000 e 2001-2003 e deputado federal de 2003-2007. Político brasileiro filiado ao partido dos trabalhadores desde 1993. É formado em Engenharia mecânica, com pós-graduação em Recursos Hídricos e em Planejamento Energético. Atualmente é presidente do Instituto para desenvolvimento de energias alternativas na América Latina.

[...] a busca por transformar radicalmente a sociedade, a luta por criar e ampliar espaços de liberdade exige coerência. Não é possível lutar contra o autoritarismo, sendo autoritário, isto é, com arrogância, sectarismo, intolerância. Ao contrário, “a tolerância é necessária para quem luta pela transformação social. E tolerância é capacidade de conviver e discutir com os companheiros que tem opiniões diferentes, para poder lutar contra o antagonico”. Para combater as estruturas autoritárias, é preciso desenvolver relação de diálogo. É através do diálogo que as pessoas procuram conhecer e transformar juntas o mundo, (promove uma relação não-autoritária), ao mesmo tempo em que as posições arrogantes são questionadas, cria-se uma dinâmica em que todos participam das decisões importantes [...] (FREIRE apud FLEURI, 2008, p.29)

Essa também é a mensagem deixada pelos entrevistados nesta pesquisa, Almir Francisco Reis, Robinson Alves, Clerson Larroyd, Eduardo Castells e Marisa Fonseca, os responsáveis pelo “sucesso” do movimento de 1980 pela preservação do terreno da Ponta do Coral para uso popular. Pessoas que até hoje fazem sua parte no cuidado com a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Roger Chartier (1994, p. 112) diz que parte do ofício do historiador é “uma investigação de verdade”, pois no “exercício do seu ofício, cabe aos historiadores serem vigilantes”. Dizer que a verdade inexistente talvez seja uma sentença excessiva e objeto de extensa discussão filosófica, mas é apenas a “vontade de verdade” (GAGNEBIN, 1998, p.214) que estimula os debates acadêmicos.

Foi nesta trajetória acadêmica no Curso de História, pela Universidade Federal de Santa Catarina que aprendi sobre a sensibilidade da arte, o fascínio do conhecimento e o mundo inesgotável das leituras. Com esta bagagem me foi oportunizado caminhar por descobertas que, verdades ou não, podem ser apagadas, modificadas, subvertidas ou resignificadas ao possibilitar escolhas de pesquisas e abrir caminhos a serem pensados e percorridos, pois esperamos sempre por um indefinido e particular desfecho dos temas pesquisados.

Ao vencer estas difíceis e dolorosas etapas e fazer algumas escolhas, foi iniciado os estudos para esta dissertação, a qual envolveu uma pesquisa para entender a dialética de construções e destruições urbanas ao longo dos anos na Ilha de Santa Catarina. Para entender este movimento dialético, foi pesquisado sobre a história da Ponta do Coral nos aspectos de desenvolvimento histórico-urbano, político-econômico e ecológico.

Dentro destes aspectos foi possível concluir que a sociedade florianopolitana deve estar mais atenta às destruições do seu patrimônio histórico cultural, isso devido às desordenadas construções que ocupam todos os espaços em nome de um desenvolvimento que cada vez mais impossibilita o deslocamento nas ruas da cidade. Sua estrutura viária já não suporta a média de um automóvel por habitante, os congestionamentos não tem hora nem local para ocorrer, os moradores que se obrigam a enfrentar congestionamentos não tem mais hora marcada para trabalho ou compromissos diversos. As edificações da cidade estão ocupando os morros, os mangues, as dunas, os terrenos de marinha como é o caso da Ponta do Coral e a vegetação que ainda concebe vida à Ilha está ameaçada de extinção. Todas estas questões exigem políticas públicas eficientes, governantes éticos, e uma população consciente, lembrando que estes são pontos importantes a serem observados para que a “Ilha da Magia” seja realmente orgulho de seus habitantes e faça jus ao título de uma das cidades com melhor qualidade de vida do país. As informações sobre estes assuntos estão ao

alcançe de todos; as bibliotecas estão repletas de pesquisas sobre o meio ambiente, a imprensa escrita, falada e televisiva diariamente noticia os fatos ocorridos no dia-a-dia da cidade. Portanto, a importância de entender que a Ilha é um espaço limitado que deve ser respeitado, é imprescindível neste momento.

Ao pesquisar sobre a história da Ponta do Coral, todas estas questões foram trabalhadas, o desenvolvimento urbano de Florianópolis refletiu de diversas formas na luta pela preservação deste espaço no centro da cidade, como por exemplo, quando os jornais informaram a população do iminente perigo de construção de um hotel cinco estrelas naquele terreno; quando um político escreve o Breve Histórico da Ponta do Coral chamando atenção para compra e venda ilícita da área, quando na pauta da câmara de vereadores estava o tombamento das ruínas da Ponta do Coral, quando a educação se faz política através de jovens estudantes que utilizaram a arte em forma de protesto e acompanharam durante quatro anos a preservação e destruição de suas ruínas vivenciando sentimentos de lutas, desafios e injustiças, e por fim, quando a universidade como parte integrante da sociedade escreve como dissertação de mestrado a importância da utilização do terreno da Ponta do Coral como área verde de lazer para construção de um parque e não de um hotel cinco estrelas.

A Ponta do Coral acompanhou todas as transformações da cidade desde que esta se chamava Desterro, viu seu crescimento, seu desenvolvimento, sofreu com suas transformações, e hoje reclama seu abandono, é um espaço que vive a esperança como definição sobre o seu destino. A área da Ponta do Coral precisa ser valorizada pela sua história e reutilizada em prol de sua população.

Neste sentido Marisa Fonseca diz que é preciso que cada um faça sua parte e nos passa o exemplo,

[...] eu estive no movimento pela preservação da Ponta do Coral, e de lá para cá não mudei... este foi mais um dos eventos da minha vida, eu sempre estive envolvida... ele foi mais uma somatória, acho que as ideias tem que estar evoluindo, tem que ir entrando dados, novos elementos, mas a essência em si é de respeito... respeito as coisas que estão postas ao meio ambiente, e hoje eu me sinto muito feliz de poder ficar efetivamente trabalhando com paisagismo... plantando, plantando, plantando... muito... muitas árvores, eu

sei que é um trabalho efetivo, que não é para currículo... é para a cidade de Florianópolis e é para o nosso planeta que está realmente precisando[...]”⁷⁷

Rever nossa posição diante daquilo que chamam de progresso é importante, duvidar e questionar a modernização vai nos ajudar a criar formas de conscientização, mas segundo a opinião dos entrevistados nesta pesquisa, “só funciona se a ação partir de você”.

⁷⁷ Arquiteta Marisa Fonseca. Entrevista concedida à pesquisadora em 14/04/2010.

FONTES

ORAIS

Mauro Passos: Entrevista concedida à autora em Florianópolis, 17 de outubro de 2002.

José Cipriano Da Silva: Entrevista concedida à autora em Florianópolis, 21 de outubro de 2002.

Nei Viegas: Entrevista concedida à autora em Florianópolis, 25 de outubro de 2002.

Marisa Fonseca: Entrevista concedida à autora em Florianópolis, 14 de abril de 2010.

Almir Francisco Reis: Entrevista concedida à autora em Florianópolis, 19 de abril de 2010.

Clerson Larroyd: Entrevista concedida à autora em Florianópolis, 10 de maio de 2010.

Robinson Alves: Entrevista concedida à autora em Florianópolis, 12 de maio de 2010.

Eduardo Jorge Felix Castells: Entrevista concedida em Florianópolis, 18 de maio de 2010.

IMPRESSAS**Dicionários:**

ENCICLOPÉDIA Delta Larousse, Editora Delta S.A, 1977, Vol. 14, p.6433. In: Breve Histórico sobre a Ponta do Coral em Florianópolis: do século XVIII aos dias atuais. Acervo Mauro Passos.

FERREIRA, A. B. de H. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa, 3ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio; SALLES, Mauro. Houaiss da língua portuguesa. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

Iconografia:

Mapoteca do IPUF – Foto Ponta do Coral / 1957, 1977, 1993, 1994, 1998, 2002.

Arquivo SUSP – Projeto 1137 – Planta do depósito da empresa Standard Oil, aprovado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, em 1929.

Jornais:

O Estado 04/07/1926 - 04/05/1928 - 13/11/1981- 25/03/1983.

Diário Catarinense/ Florianópolis 05/05/2002.

A Notícia / Florianópolis 07/10/1998.

Relatórios:

BREVE HISTÓRICO DA PONTA DO CORALEM FLORIANÓPOLIS: do século XVIII aos nossos dias. Junho/2000. Acervo: Mauro Passos.

CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA - CECA/FNMA. **Uma Cidade numa ilha:** relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina/Centro de Estudos Cultural e Cidadania. Florianópolis, Insular, 1996.

ELETRÔNICAS

<http://sosterrenosedemarinha.org.br/duvidas/o-que-e-terreno-de-marinha>. Acesso em 03/01/2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

- ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo, Edusc, 2007.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- BAGGIO, André. BARCELOS, Valdo. (orgs). **Educação ambiental e complexidade: entre pensamentos e ações**. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2008.
- BARCELOS, Valdo. **Educação ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**. Rio de Janeiro, Vozes, 2008.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembranças de Velhos**. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.
- CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis, Lunardelli, 1979, vol. 1.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **As Defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil Colônia**. Conselho Federal de Cultura, 1972.
- CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis, UFSC, 1971.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.7, nº 13. 1994.
- CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. São Paulo, Perspectiva S.A. 1979.
- COPPETE, Maria Conceição. **Janelas abertas: uma experiência de educação no morro Mont Serrat**. São Paulo, Secretariado Interprovincial Marista, Imprensa: Editora FTD S.A, 2003.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo, Ática, 1989.
- DIBLASI FILHO, Ítalo. **Ecologia Geral**. Rio de Janeiro, Ciência Moderna Ltda, 2007.
- FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**. Florianópolis, Cidade Futura, 2000.
- FANTIN, Maristela. **Tempo de Abraçar, educação e arte: a estética de um fazer coletivo**. Florianópolis, Cidade Futura, 2005.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 11ed. São Paulo: Papyrus, 1994.
- FIGUEIREDO, João B. A. **Educação ambiental dialógica: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina**. Fortaleza, Ed. UFC, 2007.
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Educar pra que? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola**. São Paulo, Cortez, 2001.
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Reinventar o presente: pois o amanhã se faz na transformação do hoje – conversas com Paulo Freire: com textos inéditos de autoria de Paulo Freire**. Fortaleza, Ed. UFC, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. BRUEGER, Paula. SOUZA, Suzani. ARRUDA, Vera Lícia Vaz de. (org). **Tecendo subjetividades em educação e meio ambiente**. Florianópolis, NUP/CED/UFSC, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

- MICHELON, Francisca Ferreira. O mundo reconstruído em prata revelada. In: GALIAZZI, Maria do Carmo. FREITAS, José Vicente de. (org.) **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Unijui, Ijuí-RGS, 2007.
- MIRA, Marly. A Evolução Sociodemográfica de Santa Catarina. In: CORRÊA, Carlos Humberto. (org.) **A Realidade Catarinense no Século XX**. IHGSC, Florianópolis, 2000.
- RAMOS, Átila. **Memória do Saneamento Desterrense**. Florianópolis, Ed. CASAN, 1986.
- RAMOS, Maria Bernadete. **A Farra do Boi: Palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis, Ed. UFSC, 1997.
- REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e representação social**. São Paulo, Cortez, 1995.
- RODRIGUES, Marcelo Abelha. **Instituições de Direito ambiental**. São Paulo, Max Limonad, 2002.
- SALLES, Colombo Machado. Integração: Micro e Macrorregional. In: CORRÊA, Carlos Humberto. (org.) **A Realidade Catarinense no Século XX**. IHGSC, Florianópolis, 2000.
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. ver. e atual. São Paulo, SP: Cortez, 2007.
- SILVA, Adolfo Nicolich da. **Ruas de Florianópolis – resenha histórica**. Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes, 1999.
- SITTE, Camillo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo, Ática, 1992.

- SOARES, Iaponan. **Santo Antônio de Lisboa, Vida e Memória**. Fundação Franklin Cascaes, 1994.
- SOUZA, Alcídio Mafra de. **Guias dos bens tombados – Santa Catarina**. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1992.
- TAUNAY, Alfredo. **Império e República**. São Paulo, Melhoramentos, 1933.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente**. São Paulo, Difel, 1980.
- WAREN, Ilse Scherer. Movimento Sociais e a dimensão intercultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.) **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis, Mover, NUP, 1998.
- VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina - A Ilha**. Florianópolis, Lunardeli, 1985.
- VÁRZEA, Virgílio. **A Ilha**. Rio de Janeiro, Companhia Tipográfica do Brasil, 1900.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.
- VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis - memórias urbanas**. Florianópolis, UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993.

DISSERTAÇÕES

- ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A Invenção do Litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira República**. Dissertação de Mestrado em História. PUC, São Paulo, 1989.
- BRONAUT, Margari Maria Comparsi. **A Casa do Barão e suas Três Portas: uma história das sensibilidades e percepções urbanas**. Dissertação de Mestrado em Educação e Cultura. Florianópolis, UDESC, 2004.

COELHO, Mário Cesar. **Moderna Ponte Velha: imagem e memória da ponte Hercílio Luz.** Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis, UFSC, 1997.

MARCON, Maria Teresinha de Resenes. **A metropolização de Florianópolis: o papel do Estado.** Dissertação de Mestrado em Geografia, UFSC, Florianópolis, 2000.

NONNENMACHER, Marilange. **Um lugar de memória: Rua Conselheiro Mafra no século XX.** Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis, UFSC, 2002.

OLEIAS, Valmir José. **O Lazer no Aterro da Baía Sul em Florianópolis: o abandono de um grande projeto.** Dissertação de Mestrado em Sociologia Política. Florianópolis, UFSC, 1994.

ROCCA, Beatriz Maria Cambraia. **Contribuição para a gestão de unidade de conservação.** Estudo de caso: Ilha de Santa Catarina – Brasil. Dissertação de Mestrado. UFSC, Florianópolis, 2002.

SANTOS, Paulo César dos. **Espaço e Memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis.** Dissertação de Mestrado em História, Florianópolis, UFSC, 1997.

SUGAI, Maria Inês. **As Intervenções Viárias e as Transformações do Espaço Urbano: A via de contorno norte-Ilha.** Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, USP, 1994.

TESES

PEREIRA, Nereu do Vale. **A modernização de Florianópolis.** Tese (livre docência). Florianópolis, UFSC, 1974.

COELI
 ponte F
 UFSC,

MARC
Florian
 Geogra

NONN
 Consell
 Florian

OLEIA
Florian
 Mestrac

ROCCA
unidade
 Brasil. I

SANTC
 o desen
 História

SUGAI
Espaço
 em Arq

TESES

PEREIR
 (livre do

Universidade
 Federal de Santa
 Catarina

Centro de Ciências
 da Educação
 Programa de Pós-
 Graduação em
 Educação

Campus
 Universitário
 Trindade
 Florianópolis - SC